



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO URBANO

ROBERTA FÉLIX MAIA

**EM MEIO ÀS FRESTAS PARA O MAR:**  
relatos corpóreos no bairro de Garça Torta, Maceió-AL

Recife  
2020

ROBERTA FÉLIX MAIA

**EM MEIO ÀS FRESTAS PARA O MAR:**

relatos corpóreos no bairro de Garça Torta, Maceió-AL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Urbano, da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Desenvolvimento Urbano.

**Área de concentração:** Desenvolvimento Urbano.

Orientadora: Professora Doutora Maria de Jesus de Britto Leite

Recife

2020

Catálogo na fonte  
Bibliotecária Jéssica Pereira de Oliveira, CRB-4/2223

M217e Maia, Roberta Félix  
Em meio às frestas para o mar: relatos corpóreos no bairro de Garça  
Torta, Maceió-AL / Roberta Félix Maia. – Recife, 2020.  
115f.: il.

Orientadora: Maria de Jesus de Britto Leite.  
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro  
de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em  
Desenvolvimento Urbano, 2020.

Inclui referências e apêndices.

1. Corpo artista. 2. Percepção. 3. Experiência. 4. Modos de vida. I. Leite,  
Maria de Jesus de Britto (Orientadora). II. Título.

711.4 CDD (22. ed.)

UFPE (CAC 2020-211)

ROBERTA FÉLIX MAIA

**EM MEIO ÀS FRESTAS PARA O MAR:**

relatos corpóreos no bairro de Garça Torta, Maceió-AL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Urbano, da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Desenvolvimento Urbano.

Aprovada em: 18/08/2020

**BANCA EXAMINADORA**

---

Professora Doutora Maria de Jesus de Britto Leite (Orientadora)

Universidade Federal de Pernambuco

---

Professora Doutora Julieta Maria de Vasconcelos Leite (Examinadora interna)

Universidade Federal de Pernambuco

---

Professora Doutora Oriana Maria Duarte de Araujo (Examinadora externa)

Universidade Federal de Pernambuco

Dedico este trabalho à minha avó paterna Lucila e ao meu pai Ronald, que partiram dessa vida durante o processo construtivo desta dissertação. Que seus ensinamentos se façam presentes por toda minha vida.

*(In memoriam)*

## AGRADECIMENTOS

Ao CNPq, pelo apoio financeiro em tempos de cortes e redução de bolsas para pesquisa científica no Brasil.

Ao MDU, que proporcionou aprofundamento teórico e debates construtivos durante os anos de curso. Agradecimento especial a todo corpo técnico do programa, docentes e funcionários. E à turma 2018.1, por sua diversidade e laços formados, tão necessários para a construção saudável do curso.

A minha querida orientadora Juju (Maria de Jesus), pela atenção dedicada a este trabalho, às boas conversas, questionamentos e somas, por cumprir com maestria sua contribuição tão necessária. Agradeço por se fazer presente de forma leve e sábia, pelo incentivo e acolhimento nos momentos delicados. Por construir laços verdadeiros.

As docentes que avaliaram e contribuíram para esta dissertação. Para Oriana Duarte, dedico meu respeito e admiração, sua contribuição foi fundamental para o estudo do corpo, assim como seu olhar artístico aguçado. A Flávia Souza, que mais uma vez acompanha minhas andanças pela academia, muito obrigada por se fazer presente e por ser tanto. A Julieta Leite, pela contribuição e sensibilidade do olhar, por estar aberta a novas temáticas.

Aos cursos de Arquitetura e Urbanismo (Cesmac) e Serviço Social (UFAL), que me introduziram aos debates sobre as cidades e suas relações sociais.

Ao bairro de Garça Torta e seus moradores, que me acolheram e revelaram sua cotidianidade e histórias, permitindo o registro sensível desta pesquisadora. Principalmente às famílias de Agnilton e Aline Gonçalves, com quem mantive fortes laços de vizinhança. E Sheylla Melo, que me auxiliou na árdua busca por moradias no bairro.

A minha família amada, sempre presente em todas minhas lutas e conquistas. Em especial para minha mãe Cristina, por ser meu exemplo de força, perseverança e amor. A minhas tias, Rosane e Roseane, por serem tão guerreiras e presentes. A meu tio Rudson, por ser um bom conselheiro e incentivador dos meus sonhos.

Aos amigos e amigas, que por diversas vezes me reergueram e mostraram o verdadeiro valor da amizade. Em especial para as minhas queridas: Amanda Mõa pelos debates e fotografias cedidas, Renata Czarny pela revisão da dissertação e Alana Maluf pela tradução do resumo. Ao meu querido amigo Felipe Ibiapina pelo

acolhimento sincero e amoroso, tendo contribuído com leituras e discussões, e por muitas vezes me incentivou a seguir em frente. E Diogenes Teixeira, pela moradia compartilhada no primeiro ano de curso, com maturidade, confiança e afeto, que se mantém mesmo à distância. Sem vocês, tudo teria sido mais difícil.

E por último, mas não menos importante: a Deus, que vive em mim e equilibra todas as minhas dores e alegrias para que meus planos sejam concretizados. Às curas sagradas através das medicinas da floresta. Aos orixás, força oculta da natureza que me liberta de todos os males, me traz saúde, amor e esperança. Às minhas ciganas, por me mostrarem caminhos possíveis de felicidade e realizações, por me protegerem e alertarem do que está por vir. A todos os santos que me abençoam e me regem. Aos meus mentores e mentoras espirituais. À ioga sagrada, que me auxilia no controle da mente, intelecto e ego e mantém meu corpo saudável.

Registro aqui a minha gratidão.

“A arte não é só para o indivíduo; não é só um marco da compreensão do próprio indivíduo. Ela é também um mapa para aqueles que virão depois de nós.” (ESTÉS, 2018, p. 28).

## RESUMO

A cidade contemporânea é propulsora do movimento dos corpos, estimulando experiências para que o corpo escape da passividade que enrijece os indivíduos em sociedades moldadas pela razão, reduzindo a experiência na urbe. A intenção é demonstrar o que vai além da fisicalidade, o que transcende a matéria, para apresentar o que o bairro litorâneo de Garça Torta, na cidade de Maceió, Alagoas, Brasil, pode nos revelar a nível perceptivo, possível a partir das experiências corpóreas. Arte e percepção dialogam com o corpo, numa possibilidade de materializar a experiência em diversas linguagens, a partir da construção do tema-conceito *corpo artista*, para revelar a singularidade e sensibilidade de um lugar. Tem-se a adoção de uma expressão artística como meio de interpretação, um modo de conhecer. O corpo artista, considerado o corpo da criação em arte, vem no intuito de buscar a expressão do bairro, sendo fruto do entrelaçamento das leituras transversais na teoria da arquitetura, na fenomenologia, na teoria da arte, entre várias disciplinas estudadas. E os relatos corpóreas são o conjunto do diário de campo e gráfico; somados à conceituação dessa escolha teórica, eles são o desenho do lugar, a essência, o que auxiliou na construção dos resultados. A busca é pela conexão com o modo de vida garça-tortense, possível por meio da experiência de morar no bairro em diferentes residências. O morar tornou-se um aspecto fundamental para as experiências de base fenomenológica em Maurice Merleau-Ponty, do toque pelo olhar, do aprofundamento na subjetividade do ser.

**Palavras-chave:** Corpo artista. Percepção. Experiência. Modos de vida.

## ABSTRACT

The contemporary city is a propeller of the movement of the bodies, stimulating experiences so that the body scape from the passivity that stiffens the individuals in society shaped by reason, reducing the experience in the city. The intention is to demonstrate what goes beyond the physicality, what transcends the matter, to present what the seaside neighborhood of Garça Torta in the city of Maceió-AL, Brazil, can reveal us at a perceptive level, possible from the corporeal experiences. Art and perception dialogue with the body, in a possibility to materialize the experience in diverse languages, starting from the construction of the theme-concept body artist, to reveal the singularity and sensitivity of the place. One has the adoption of an artistic expression as a mean of interpretation, a way to know. The body artist, considered the body of the creation in art, comes in the purpose to search the expression of the neighborhood, being product of the interlacing of the transversal perusal in the theory of architecture, phenomenology, theory of art, among several studied disciplines. And the corporeal reports are the set of the diary of field and graphic, added the conceptualization of this theoretical choice, they are the design of the place, the essence, that assisted in the construction of the results. The search is for the connection with the way of life garça-tortense, possible by experience of living in the neighborhood in different residences. The living became a fundamental aspect for the experiences of phenomenological base in Maurice Merleau-Ponty, the touch by the look, of the deepening in the subjectivity of the being.

**Keywords:** Body artist. Perception. Experience. Way of life.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Mapa de Maceió com destaque para a região do Litoral Norte e o bairro de Garça Torta .....	22
Figura 2 –	Pescador tratando rede de pesca na Colônia de Pescadores Z-1 .....	23
Figura 3 –	Pescadores em beira de rio. Por trás, o contraste entre vegetação e edifícios verticais .....	24
Figura 4 –	Tipologia comum de edificação na Rua São Pedro .....	25
Figura 5 –	Conversa entre vizinhos. Dia de São Cosme e Damião, distribuição de doces .....	26
Figura 6 –	Rodovia AL 101 Norte e travessa de acesso para casas do alto (Coréia) .....	26
Figura 7 –	Rua São Pedro e Largo de São Pedro .....	27
Figura 8 –	Empreendimento imobiliário em construção na orla marítima .	28
Figura 9 –	Crianças brincam no mar após horário escolar .....	29
Figura 10 –	Praia de Garça Torta; ao fundo, vista para edificações do bairro de Cruz das Almas .....	30
Figura 11 –	Residências de famílias pesqueiras na beira-mar .....	31
Figura 12 –	Ilustração para a chamada da exposição A Garça que ali-via .	33
Figura 13 –	Ilustração Rede-moinho .....	35
Figura 14 –	Ilustração Mar-é-baixa .....	36
Figura 15 –	Ilustração Ele-tri-cidades .....	37
Figura 16 –	Ilustração Salva-dor .....	38
Figura 17 –	Ilustração A-calma-ria .....	40
Figura 18 –	Ilustração Casada-arte .....	41
Figura 19 –	Ilustração Ver-a-cidade .....	42
Figura 20 –	Ilustração Liberta-ação .....	43
Figura 21 –	Ilustração Inspira-dor .....	44
Figura 22 –	Ilustração Ar-recife .....	45
Figura 23 –	Exemplificação de sistemas excêntrico e cêntrico de Rudolf Arnheim .....	64

Figura 24 –	Capa do livro O Poder do Centro (versão espanhol) com demonstração do corpo humano e seus sistemas cêntrico e excêntrico. Ilustração Universal Man (1165), por Hildegarda de Bingen .....	65
Figura 25 –	Eis o corpo artista .....	67
Figura 26 –	Mapa ilustrado da Garça Torta .....	70
Figura 27 –	Diferentes moradias na cidade: verticalização, condomínios fechados e comunidades/vilas. O distanciamento provocado a partir dos perfis socioeconômicos e interesses. A moradia na Garça Torta é vista como uma fuga para muitos .....	71
Figura 28 –	Casa de mão em mão .....	73
Figura 29 –	Paisagem modificada por edifício vertical em construção na orla marítima .....	75
Figura 30 –	Árvore genealógica das famílias garça-tortenses .....	76
Figura 31 –	Agressões físicas e psicológicas à privacidade/intimidade do outro. O seu direito termina quando inicia o direito do outro? .	78
Figura 32 –	Intervenção urbana sobre a violência contra as mulheres nas praias .....	80
Figura 33 –	De olhos fechados para o que não me atinge .....	81
Figura 34 –	Fim de missa e início da procissão de São Pedro .....	82
Figura 35 –	Procissão de São Pedro pela Rodovia AL-101 Norte .....	83
Figura 36 –	Laços afetivos no bairro de Garça Torta .....	84
Figura 37 –	Becos .....	85
Figura 38 –	O corpo que sustenta a coletividade .....	86
Figura 39 –	Dois pesos, duas medidas .....	88
Figura 40 –	Esgoto ao ar livre na Rua São Pedro, episódio corriqueiro. Em dias de chuva, o esgoto se mistura com a lama .....	89
Figura 41 –	Bloco Vai Quem Quer nas prévias carnavalescas .....	90
Figura 42 –	Faixa de praia aos fins de semana .....	91
Figura 43 –	Lua cheia e marés, influência nos acontecimentos cotidianos	92
Figura 44 –	Dia de sol, energização .....	93
Figura 45 –	Família aproveitando a praia, pescador e curral Mourãozinho	94

Figura 46 –	Curral e modos de sobrevivência. Modos de vida representados pela praia .....	95
Figura 47 –	“A garça é torta mas pode ser limpa. Faça a sua parte”. Placa no muro de residencial na Rua São Pedro .....	98
Figura 48 –	“Você está a 2 minutos da nova beira-mar de Maceió”. Placa com anúncio de construtora sobre novo edifício vertical .....	99
Figura 49 –	Praia de Garça Torta na maré baixa. Pescador e curral Mourãozinho .....	100

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO: UMA PORTA PARA O MAR .....</b>	<b>16</b>
<b>2</b>	<b>CORPO, ARTE E CIDADE .....</b>	<b>21</b>
2.1	DEMARCANDO A GARÇA TORTA: LIMITES E RUPTURAS .....	21
2.2	A EXPRESSÃO ARTÍSTICA: UMA PRIMEIRA EXPERIÊNCIA SOBRE A GARÇA TORTA .....	30
2.3	UMA METODOLOGIA DO SENTIR .....	46
<b>3</b>	<b>TOCAR O INVISÍVEL: O CORPO ARTISTA .....</b>	<b>51</b>
3.1	PASSIVIDADE DOS CORPOS E PRIVAÇÃO DOS SENTIDOS NA CIDADE CONTEMPORÂNEA .....	51
3.2	ESPAÇO, LUGAR E TEMPO .....	56
3.3	A PERCEPÇÃO NA EXPERIÊNCIA CORPÓREA .....	59
<b>4</b>	<b>RELATOS CORPÓREOS GARÇA-TORTENSES .....</b>	<b>68</b>
4.1	IDENTIFICANDO AS MORADIAS: UM OLHAR SOBRE O CAMPO DE PESQUISA .....	69
4.1.1	<b>Casa dos Fundos .....</b>	<b>72</b>
4.1.2	<b>Casa do Sítio .....</b>	<b>74</b>
4.1.3	<b>Casa do Miolo da Garça .....</b>	<b>75</b>
4.2	RUA SÃO PEDRO E ENTORNO .....	81
4.3	VOU LÁ NO MAR: A FAIXA DE PRAIA .....	90
4.4	O QUE OS RELATOS CORPÓREOS NOS MOSTRAM: PREDICADOS DE UM MODO DE VIDA GARÇA-TORTENSE .....	96
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS: EM MEIO ÀS FRESTAS PARA O MAR .....</b>	<b>102</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>106</b>
	<b>APÊNDICE A – DIÁRIO GRÁFICO: CRIANÇAS GARÇA- TORTENSES .....</b>	<b>108</b>
	<b>APÊNDICE B – DIÁRIO GRÁFICO: CHEGADA NA NOVA VIZINHANÇA / MIOLO DA GARÇA .....</b>	<b>109</b>
	<b>APÊNDICE C – DIÁRIO GRÁFICO: PESCADOR IDOSO NA MARÉ MORTA .....</b>	<b>110</b>
	<b>APÊNDICE D – DIÁRIO GRÁFICO: LUA CHEIA .....</b>	<b>111</b>

<b>APÊNDICE E – DIÁRIO GRÁFICO: CORPOS DE PRAIA, PESCADORES.....</b>	<b>112</b>
<b>APÊNDICE F – DIÁRIO GRÁFICO: MAR DE OLHOS.....</b>	<b>113</b>
<b>APÊNDICE G – DIÁRIO GRÁFICO: ESPECULAÇÃO IMOBILIÁRIA</b>	<b>114</b>
<b>APÊNDICE H – DIÁRIO GRÁFICO: PARAÍSO PARA QUEM?.....</b>	<b>115</b>



## 1 INTRODUÇÃO: UMA PORTA PARA O MAR

Morar e acessar o bairro de Garça Torta provoca mudanças internas profundas. A conexão com a natureza, a diversidade de perfis socioeconômicos, o encontro casual com pessoas próximas, a história vinda da pesca, o contato com famílias que têm suas raízes no lugar, os conflitos de vizinhança, as interferências no cotidiano, as disputas políticas, as intervenções estruturais, especulação imobiliária, sinais da gentrificação... São tantos os assuntos possíveis de abordagem.

O fato de aliar pesquisa e moradia permitiu uma aproximação intrínseca com o lugar, que começou a ser registrado através da arte nas ilustrações pessoais e corriqueiras, com uma expressão feminina numa entrega às experiências cotidianas. Esse envolvimento aconteceu naturalmente, transformado numa primeira explanação sobre a Garça Torta, que se tornou pública numa exposição de arte sobre a percepção deste corpo mulher nas andanças e permanências do bairro. A partir dessa entrega, a Garça se apresentou como uma possibilidade de estudos do cotidiano urbano, a percepção foi o elemento essencial que trouxe o despertar do olhar científico para as questões do bairro como moradora, assim como a necessidade nítida de expressão sobre o descaso com a história do lugar nas propostas e projetos vinculados aos interesses do capital.

Nessa perspectiva, a busca foi para desenvolver uma discussão a partir do corpo na cidade contemporânea com o intuito de compreender o que o bairro da Garça nos revela. Por que tantas pessoas buscam esse espaço para morar e compartilhar vivências? O bairro apresenta, de fato, uma conotação bucólica ou se tornou um deslumbramento de uma vida interiorana na cidade grande?

A intenção é demonstrar o que vai além da fisicalidade, o que transcende a matéria, para apresentar o que o bairro de Garça Torta pode revelar a nível perceptivo, possível a partir das experiências corpóreas. Por esse motivo, a proposta investe numa experiência em que o corpo escape da passividade que enrijece os indivíduos em sociedades moldadas pela razão.

É como um meio de permitir ir além dos processos racionais que a arte tem sua participação nos escritos através de uma construção inesperada; a expressão

artística iniciada anteriormente começa a influenciar os caminhos da pesquisa de campo, de tal modo que seria difícil pensar o bairro fora desses ditames.

Mesmo existindo intimidade com processos de criação em arte, trazê-los para um trabalho acadêmico de teor científico foi difícil, assim como ter que enfrentar a escolha da própria produção artística como importante elemento de revelar o lugar escolhido como objeto de estudo. Após um momento de aceitação para essa união, houve um período de exercícios artísticos para chegar à melhor performance de ilustrações, que explicitariam o lugar em sua essência fenomenológica, para resultados significativos.

É importante ressaltar que não houve intenção de tratar da temática de gênero, mas, sendo construída por uma mulher, apresenta significados que adentram os preceitos do feminino e envolvem as barreiras inerentes ao patriarcado. A insegurança e o medo de caminhar por ruas desertas, em horário noturno, são sentidos de maneira diferente por homens e mulheres, e esse é somente um exemplo. Assim, é fundamental entender que existe um corpo mulher por trás das palavras e significados, um corpo de resistência que busca na expressão artística uma fonte para quebrar barreiras e apresentar entusiasticamente, mas sem utopias, as relações com o lugar.

Deste modo, esta dissertação trata dos significados atribuídos ao lugar tendo o corpo como mediador. A articulação teórica entre arte, percepção e corpo se mostra uma oportunidade de registrar a experiência a partir de múltiplas linguagens, contribuindo para a formulação de um tema-conceito para a arquitetura e o urbanismo, o “corpo artista”. O tema-conceito acontece na busca por revelar singularidade e sensibilidade, formando os relatos corpóreos apoiados na subjetividade da arte.

Entende-se que o corpo artista como o corpo da criação em arte vem no intuito de buscar a expressão da Garça Torta. E os relatos corpóreos são o conjunto formado pelo diário de campo e gráfico, somados à conceituação da escolha teórica. Estes constituem o desenho do lugar, a essência que auxiliou na análise dos resultados.

Dito isto, o intento da pesquisa é apresentar, pelo menos, duas contribuições acadêmicas: a adoção de uma expressão artística como meio de interpretar um lugar; e a construção de um tema-conceito – corpo artista – para o campo da arquitetura e urbanismo, a partir do entrelaçamento de leituras transversais na teoria

da arquitetura, na fenomenologia, na teoria da arte, e, especialmente, como uma revisitação da teoria do corpomídia de Christine Greiner e Helena Katz, que nos revela o corpo artista.

Para toda construção é preciso delimitar um caminho, uma ordem de fatores para uma melhor leitura e compreensão do conteúdo, que se distribuiu nos capítulos.

No Capítulo 1 será apresentado um panorama da realidade do bairro, com a finalidade de situar o(a) leitor(a) quanto às motivações que levaram a perceber na Garça Torta um potencial para estudos acadêmicos a partir do viés urbanístico e artístico, revelando a experiência de ilustrar espaços da cidade por meio do corpo. Essa primeira experiência no bairro foi o marco para todo estudo posterior, as andanças e registros despropositais aguçaram os sentidos para a busca no aprofundamento das questões artísticas e urbanísticas. Existe uma linha que se diferencia entre os registros primeiros, dos que se formaram com o estudo do corpo. Seguir esse trajeto faz com que o leitor mergulhe no bairro através da linha do tempo de sua composição. Outro diferencial deste momento é a inserção de uma linguagem artística e sensível, expressa por meio da conjugação verbal na primeira pessoa, como forma de permitir uma aproximação dos relatos das experiências no bairro, linguagem que permanecerá em toda dissertação. Foi a partir dessa leitura que um novo olhar para os temas de corpo e cidade eclodiram. Em seguida, uma explanação sobre o método fenomenológico de pesquisa, assim como suas técnicas e procedimentos escolhidos nos ajudam a chegar aos resultados almejados. Para tratar da fenomenologia, optou-se pelo filósofo Maurice Merleau-Ponty com seus estudos sobre o mundo percebido.

O Capítulo 2 discute a cidade contemporânea a partir do que se denomina “corpo passivo”, expressa por certa privação dos sentidos apoiada no olhar de Richard Sennett e, em contraponto, o quanto a relação com o cotidiano do lugar pode fazer diferença nos estudos urbanos, seguindo a inspiração de Jane Jacobs que incentiva a conhecer a fundo as cidades, vivenciá-las para conseguir entendê-las. Nesse momento, ganha espaço a discussão sobre o cotidiano e os modos de vida, e conceitos como espaço, lugar e tempo, todos selecionados a partir dos estudos de teóricos que os abordam a partir da experiência: Michel de Certeau, Giorgio Agamben. Yi-Fu Tuan e Kevin Lynch.

O tema-conceito *corpo artista* é construído através do estudo do corpo de Maurice Merleau-Ponty e de Christine Greiner<sup>1</sup>. Merleau-Ponty tem sua contribuição no estudo do corpo a partir da experiência vivida, tornando possível revelar o mundo percebido, e que atinge uma combinação do corpo com as artes visuais. Por sua vez, Greiner, autora da contemporaneidade, adentra o conceito pelo viés da comunicação – que na dissertação foi trazido para a realidade da arquitetura e urbanismo – e mostra um amplo estudo de conceitos do corpo nas mais diversas linhas. Com esses dois autores, foi possível convergir um primeiro esboço para a apropriação do corpo artista nos estudos dos lugares, se somando a Rudolf Arheim e Fayga Ostrower, teóricos da arte, em estudos sobre composição visual na cidade e processos de criação no meio artístico. Vale ressaltar que os teóricos da arte não foram previstos para este trabalho; contudo, a presença se tornou imprescindível no decorrer do processo para a formulação e discussão do conteúdo imagético.

Faz-se importante perceber que os autores refletem e por vezes se repetem em alguns capítulos devido a uma conexão nas abordagens do conteúdo, numa espécie de combinação metodológica para a abordagem do tema-conceito de corpo artista.

O Capítulo 3 descreve os relatos corpóreos realizados na Garça Torta, com um acervo ilustrativo e leitura do cotidiano reunidos com a experiência de ser moradora do bairro. Tais registros refletem as relações com a cidade pela vivência através do estudo do corpo artista. A Garça Torta é um bairro pequeno em extensão edificada, porém cada morada reflete mudanças nas vivências. Durante a pesquisa de campo, três casas foram escolhidas para apresentar a dinâmica do bairro, depois os relatos corpóreos seguem para as ruas, becos e a faixa de praia.

No mais, a cidade introduz as dimensões à espacialidade do corpo, ela abriga o corpo que dá movimento ao espaço. Os corpos habitam os lugares e sua forma é resultado dessa apropriação. Nesse sentido, está realizado o convite para um mergulho profundo sobre experiências cotidianas no bairro de Garça Torta, ao tempo em que o corpo artista apresenta uma possibilidade de conhecimento do lugar, um modo de reaprender o mundo.

---

<sup>1</sup> Outros autores já mencionados também foram utilizados nessa construção: Giorgio Agambem e Michel de Certeau.

A intensidade do cotidiano para aqueles que se entregam às vivências nos lugares, sim, provoca mudanças e desperta o interesse em proteger, precaver, em registrar memórias e afetos.

## 2 CORPO, ARTE E CIDADE

“A verdadeira filosofia é reaprender a ver o mundo, e nesse sentido uma história narrada pode significar o mundo com tanta "profundidade" quanto um tratado de filosofia. Nós tomamos em nossas mãos o nosso destino, tornamo-nos responsáveis, pela reflexão, por nossa história, mas também graças a uma decisão em que empenhamos nossa vida, e nos dois casos trata-se de um ato violento que se verifica exercendo-se”.

Maurice Merleau-Ponty

Inicialmente, será revelada a Garça Torta como um bairro de diversidades e encantos, exercitando o olhar sensível para suas questões práticas cotidianas e atenção a suas mudanças e contradições, na busca por entender seus limites, estrutura e demandas atuais, e um novo perfil que se encontra em processo transitório. Nessa trajetória ficará explícito o que instigou o desenvolvimento de um estudo mais aprofundado e como a arte se lançou no desejo de participar nas entranhas de um arcabouço para o conhecimento urbanístico, para, então, desmistificar a metodologia com base fenomenológica utilizada na construção desta dissertação.

### 2.1 DEMARCANDO A GARÇA TORTA: LIMITES E RUPTURAS

O bairro de Garça Torta encontra-se no litoral norte da capital alagoana<sup>2</sup>, foi originário do bairro de Ipioca, último do litoral norte de Maceió, que por beirar o mar já possuía uma comunidade de pesca tradicional<sup>3</sup>. A partir de Ipioca, diversos povoados pesqueiros se instalaram nas localidades próximas, dando início a outros bairros. A pesca artesanal foi a grande propulsora para a construção física e simbólica da Garça Torta, assim como outros bairros como Riacho Doce, que se encontra na sua divisa. Apesar de serem bairros vizinhos e quase inseparáveis,

---

<sup>2</sup> O litoral norte de Maceió é composto por sete bairros: Cruz das Almas, Jacarecica, Guaxuma, Garça Torta, Riacho Doce, Pescaria e Ipioca.

<sup>3</sup> A Garça Torta possui 1.635 habitantes, sendo o menor bairro em número de habitantes da cidade de Maceió, de acordo com o último censo realizado pelo IBGE em 2010.

cada um apresenta peculiaridades distintas, mas mantêm a pesca e a produção caseira de bolos como características semelhantes.

Figura 1 – Mapa de Maceió com destaque para a região do Litoral Norte e o bairro de Garça Torta.



Fonte: Editora do Brasil, adaptado 2019.

A pesca está presente em toda paisagem da Garça Torta, seja nas mercearias, na praia, nomes de ruas, nas edificações mantidas com construção de taipa ou até nas mais recentes que insistem em apresentar uma arquitetura praieira voltada ao modelo tradicional de comunidades de pesca. Sua ancestralidade é construída por seus primeiros moradores, e suas histórias continuam sendo repetidas e contadas no chamado boca a boca. Não se tem muito escrito sobre o bairro, o que demonstra a necessidade de registro das experiências perpassadas pelo tempo.

Recentemente, a antropóloga Amanda Santos fez um importante registro sobre a pesca no bairro em sua dissertação “Muros do Mar: sinais de gentrificação nos espaços de pesca artesanal da Praia de Garça Torta, Maceió-AL”, incluindo um importante acervo fotográfico<sup>4</sup> sobre moradores envolvidos com a pesca, retratando como as mudanças urbanas afetam essa população e a conservação da diversidade no manejo pesqueiro. Seu olhar foi um passo fundamental para revelar as discordâncias e descuidados com a paisagem e história do bairro.

Figura 2 – Pescador tratando rede de pesca na Colônia de Pescadores Z-1.



Fonte: Amanda Santos, 2017.

---

<sup>4</sup> Algumas fotografias de seu acervo serão utilizadas como modo de somar olhares visuais do bairro.

Figura 3 – Pescadores em beira de rio. Por trás, o contraste entre vegetação e edifícios verticais.



Fonte: Amanda Santos, 2018.

Por ser mais afastada das centralidades da cidade, a Garça Torta passa a impressão de funcionar em ritmo próprio, e representa para as pessoas adeptas de um estilo de vida menos conturbado um oásis na cidade, um refúgio para os que buscam uma morada diferenciada, na tentativa de terem uma vida sossegada e ancorada pelo mar. No entanto, o morar no bairro nem sempre atende a essas expectativas, pois existem diversos perfis de moradia numa única Garça, e cada perfil irá demonstrar o quanto alguns problemas e conflitos podem ou não afetar os moradores.

A percepção dessa diversidade em um bairro tão pequeno me levou, a partir da experiência no lugar, a uma busca por compreender as relações com o bairro enquanto moradora, a fim de adentrar nas entrelinhas das dinâmicas sociais, espaciais e culturais existentes, e sua afetação enquanto lugar de vivências bucólicas – atentando-me à gentrificação, que apresenta sinais de crescimento na região devido às intervenções urbanísticas e aos novos perfis de moradores que vêm surgindo com os empreendimentos imobiliários, como os condomínios fechados horizontais e verticais, que não dialogam com o tecido urbano. Essa tipologia de habitações difere agressivamente da realidade do bairro, que é composto por edificações horizontais em seus diversos usos: residencial, comercial, cultural e serviços. Algumas casas mais antigas ainda mantêm o sistema construtivo de taipa.

Figura 4 – Tipologia comum de edificação na Rua São Pedro.



Fonte: Acervo nosso, 2019.

Figura 5 – Conversa entre vizinhos. Dia de São Cosme e Damião, distribuição de doces.



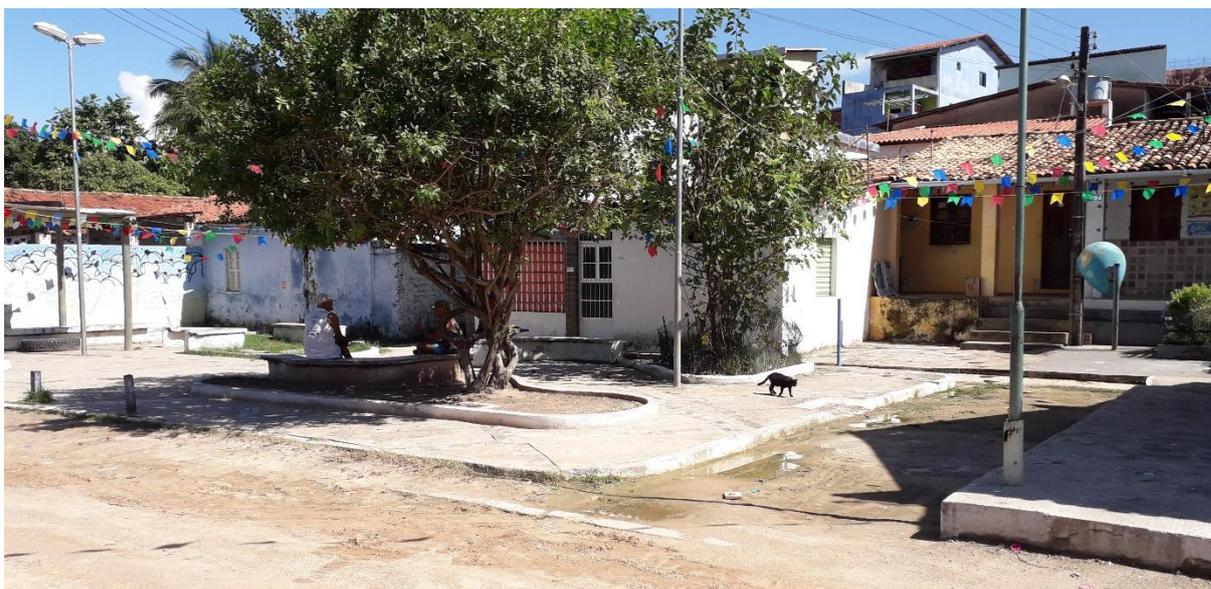
Fonte: Acervo nosso, 2018.

Figura 6 – Rodovia AL 101 Norte e travessa de acesso para casas do alto (Coréia).



Fonte: Acervo nosso, 2019.

Figura 7 – Rua São Pedro e Largo de São Pedro.



Fonte: Acervo nosso, 2019.

Como esteve aquém do crescimento acelerado da cidade de Maceió, por muitos anos o bairro se manteve distante dos “olhos” da especulação imobiliária. No entanto, desde a construção do Parque Shopping e sua inauguração em 2013, no bairro de Cruz das Almas – este marca o início do litoral norte –, toda essa região obteve um novo *status* para a possível expansão da cidade. Foram iniciadas as obras da duplicação da rodovia AL-101-Norte<sup>5</sup>, hoje em fase de andamento, tendo seu primeiro trecho de trabalho de Cruz das Almas até o início da Garça Torta. Em matéria para o *website* de notícias do Governo de Alagoas, o até então secretário executivo de Transporte e Desenvolvimento Urbano destacou que “a obra irá melhorar o tráfego e *estimular a expansão imobiliária da Região Norte de Alagoas*<sup>6</sup>, trazendo mais desenvolvimento para o estado” (AGÊNCIA ALAGOAS, 2019). A partir da Garça Torta o trecho seguirá por uma zona rural desviando da rodovia, que será chamado de Rodovia AL-101 Norte Expressa; já o trecho atual da rodovia na Garça Torta não será desativado, mas passará por uma revitalização e se chamará Via de Charme. A estimativa é que o projeto seja concluído até 2022.

---

<sup>5</sup> A duplicação da AL-101 Norte é considerada uma das maiores obras de mobilidade de Maceió, e conta com implantação de seis pontes. Também estão sendo executados serviços de terraplenagem e contenção (AGÊNCIA ALAGOAS, 2019).

<sup>6</sup> Grifo nosso.

Figura 8 – Empreendimento imobiliário em construção na orla marítima.



Fonte: Acervo nosso, 2019.

Desde então, tem-se intensificado a imagem “pé na areia”, “paraíso tropical”, “é para verenear” pelos empreendimentos imobiliários que estão sendo construídos e vendidos na Garça Torta, esses tais condomínios horizontais e verticais de alto padrão, destoando das experiências cotidianas dos moradores atuais e da paisagem do bairro, configurando uma crescente gentrificação. Na figura 8 nota-se o impacto visual na paisagem do bairro com a construção de um edifício vertical com previsão para finalizar as obras em 2020. Vale ressaltar que o fenômeno da gentrificação acontece quando o crescimento urbano e suas “melhorias” afetam a classe menos favorecida, que não tem os meios de se manter no local de sua residência devido ao aumento de custo de vida provocado pelas mudanças estruturais ocasionadas. A valorização da área passa a atrair um novo perfil de moradores mais abastados.

Para comprovar esse quadro, um anúncio sobre um edifício vertical luxuoso que está em fase de construção oferece cobertura de alto padrão no valor de R\$ 1.615.299,96 e trata a Garça Torta como o paraíso bucólico, onde se pode aproveitar um aconchego com cara de vila de pescadores. O edifício anuncia que 50% dos apartamentos foram vendidos. O site se refere à Garça Torta da seguinte forma:

No charme, com clima de vila de pescador da Garça Torta, em Maceió (AL), você vai viver os melhores momentos de sua vida de frente para o mar. A diversão começa antes mesmo de você pisar na areia e o mar será o

cenário da sua vida. Localizado em uma região onde o mar lava a areia com carinho, com livre acesso aos quatro cantos melhorados com a duplicação da AL 101 Norte<sup>7</sup>.

Todo esse aparato para uma nova Garça Torta parece não levar em consideração os problemas de infraestrutura da região, como a falta de água e energia constantes; a precariedade de transporte público, visto que não atende a todos os locais da cidade; a falta de saneamento básico; construções irregulares que muitas vezes não se preocupam com seus dejetos; a coleta de lixo; entre outros. Além disso, e principalmente, não há nenhum cuidado com os moradores já existentes e com o meio ambiente que tentam vender. É nesse contexto que discuto sobre a Garça Torta, com seu misto de conflitos de interesses e seu olhar atemporal.

Figura 9 – Crianças brincam no mar após horário escolar.



Fonte: Acervo nosso, 2019.

Assim, iniciamos uma jornada para compreender os caminhos que levaram à expressão artística na apresentação de sua linguagem, narrando experiências e articulando modos de conhecimento.

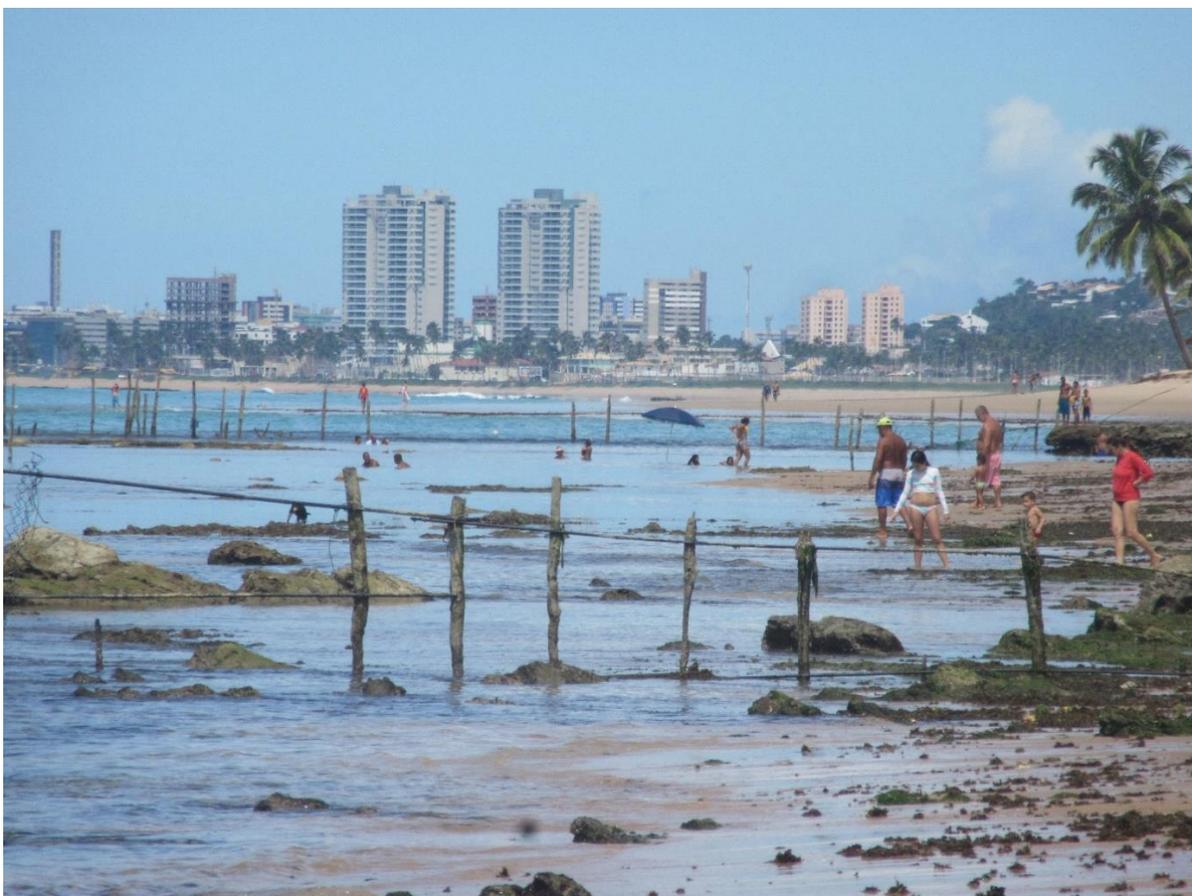
---

<sup>7</sup> Disponível em <<https://davidabs.com.br/ed-vista-da-garca-residence-ap-1003/>>.

## 2.2 A EXPRESSÃO ARTÍSTICA: UMA PRIMEIRA EXPERIÊNCIA SOBRE A GARÇA TORTA

Fixar moradia no bairro de Garça Torta surgiu como possibilidade de ressignificar questionamentos sobre vivências nas cidades, na busca de uma reconexão com o sentido de pertencimento a um lugar. O bairro faz parte da orla marítima da capital alagoana<sup>8</sup>, por ser mais afastada do adensamento urbano é uma das praias mais requisitadas por ter um cenário paradisíaco e manter uma peculiaridade rústica, além de ser própria para banho<sup>9</sup>.

Figura 10 – Praia de Garça Torta; ao fundo, vista para edificações do bairro de Cruz das Almas.



Fonte: Acervo nosso, 2019.

---

<sup>8</sup> Vale ressaltar que Maceió é conhecida como o *paraíso das águas*, por suas belas praias e piscinas naturais.

<sup>9</sup> Apesar da incidência de óleo despejado na costa do Nordeste brasileiro, fato ocorrido em 2019 e que ainda sofre resquícios este ano de 2020, as praias de Alagoas permanecem próprias para o banho – com exceção da praia de Jacarecica, que por outros motivos é considerada imprópria para banho – de acordo com o Instituto do Meio Ambiente (IMA/AL) no relatório de balneabilidade de 03/01/2020.

Ao passar de transeunte para moradora, logo percebi que muitos apenas circulam pela Garça Torta a fim de aproveitar as belezas naturais, mas pouco se envolvem com os acontecimentos rotineiros do bairro. Assim, a praia possibilita o encontro entre as diversas pessoas, mas estar de passagem não revela as particularidades do lugar em sua essência. Claramente, o morar trouxe novas leituras, e só as reconheci e as percebi a partir dessa experiência.

Como moradora, pude observar uma dinâmica contraditória presente na Garça Torta: de um lado, seu cenário paradisíaco, com sua praia de águas mornas e rochedos de corais, mantendo uma prática de pesca artesanal com jangadas e currais; por outro lado, trata-se de um bairro periférico que precisa lidar cotidianamente com problemas de infraestruturas e precariedade de serviços como o abastecimento de água e energia, ausência de saneamento básico, entre outros. Além disso, espera-se a intensificação desses problemas com o aumento populacional devido às mudanças de perfis socioeconômicos que vêm sendo impulsionados pelo mercado imobiliário e o vislumbamento do setor turístico.

Figura 11 – Residências de famílias pesqueiras na beira-mar.



Fonte: Acervo nosso, 2019.

Lidar com essa realidade resultou em alguns questionamentos sobre a imagem criada anteriormente sobre o bairro. Com a vivência como moradora e o amadurecimento teórico e prático nos estudos da cidade, tornou-se difícil não notar os problemas e conflitos existentes. O morar na Garça pareceu se distanciar da qualidade de vida imaginável, pois o cotidiano levantava algumas questões que geraram descontentamentos, mas, ainda assim, é um lugar que conquista e traz reflexões sobre modos de vida na cidade.

No sentido de ir ao encontro da essência do lugar e descrevê-la, em 2017 foi desperto um desejo artístico de expressar o cotidiano vivenciado através de ilustrações. Por já exercer a arte como um instrumento de registros importantes no meu cotidiano, percebi que ao falar do bairro, por vezes, usar as palavras não era suficiente para descrever sua realidade, não era possível levar as pessoas para a verdadeira atmosfera do lugar. De tal modo que iniciei o relato dessas experiências como moradora por meio da arte, devido ao seu poder de captar as sensações no urbano e fazê-las perdurar no tempo.

Os registros tratavam de questões pessoais, de descobertas íntimas como artista e mulher, entrelaçadas com as condições apresentadas pelo bairro. Cada acontecimento importante era repleto de sentimentos contraditórios e se revelou em telas que apresentaram as angústias, dissabores e amores contornados pelo lugar.

Por muitos anos, as pinturas foram uma forma de registrar as paisagens e cotidianos das cidades, e até hoje são utilizadas para se entender tempos passados e suas relações com o presente. Nas obras de artes as sensações têm valor de permanência, cada leitor/observador pode se debruçar sobre o que se passava naquele lugar no momento do registro, uma visão além do concreto, das edificações e composições existentes. A arte pode ser vista como um meio de auxiliar a leitura do urbano, deixando aflorar a essência do lugar. Descrever o lugar a partir dessa perspectiva pode levar a uma rica dimensão simbólica, construindo relatos e sensações que, muitas vezes, ficam camuflados na urbe.

A partir dessa ideia, surgiram dez desenhos sobre minhas vivências no bairro em minha primeira moradia (que antecede o período da pesquisa), refletindo como a mulher pode refletir sobre suas questões cotidianas, e como a Garça Torta possibilitou uma forma diferenciada e sensível de perceber a essência dos problemas e/ou divertimentos envolvidos. A palavra mulher tornou-se bem forte neste projeto, destacando-se pela sensibilidade e feminilidade nas telas.

Esse projeto se iniciou de forma despretensiosa, no entanto alcançou uma dimensão maior, e antes o que seria algo particular veio a público e tornou-se de todos e todas na exposição que aconteceu em março de 2019, com o título *A Garça que ali-via*<sup>10</sup>. A frase faz um trocadilho sobre as sensações sentidas, gerando um duplo significado: o primeiro é a Garça que se via, que se mostrava diante dos olhos a partir da fisicalidade; e, num segundo significado, temos a Garça que nos alivia, nos auxiliando na transmutação de sentimentos e questões diárias.

Figura 12 – Ilustração para a chamada da exposição *A Garça que ali-via*.



Fonte: Acervo nosso, 2019.

Os títulos das telas também acompanharam nomes com trocadilhos, na tentativa de que o leitor/observador apreendesse significados nas diversas dimensões. Para compreender de forma mais ampla o amadurecimento desse trabalho e sua conexão com a pesquisa, segue um pequeno roteiro sobre as

<sup>10</sup> Texto de abertura da exposição: *A Garça pelos olhos, sentidos e ciclos da mulher*. Essa mulher sagrada que ecoa pelos mares e ventos, que segue os caminhos da ancestralidade. Uma leitura através da lua que banha sua luz prateada nas águas salgadas de Iemanjá. Um ano de fortes experiências nesse lugar, por meio deste corpo e desta alma chamada mulher. Que você presencie a força da mulher em cada imagem formada. A 'mulher' que habita em mim, saúda e se une à 'mulher' que existe em você.

ilustrações, visto que marcam o início de um aprofundamento do olhar artístico sobre minhas vivências nos ambientes da Garça Torta.

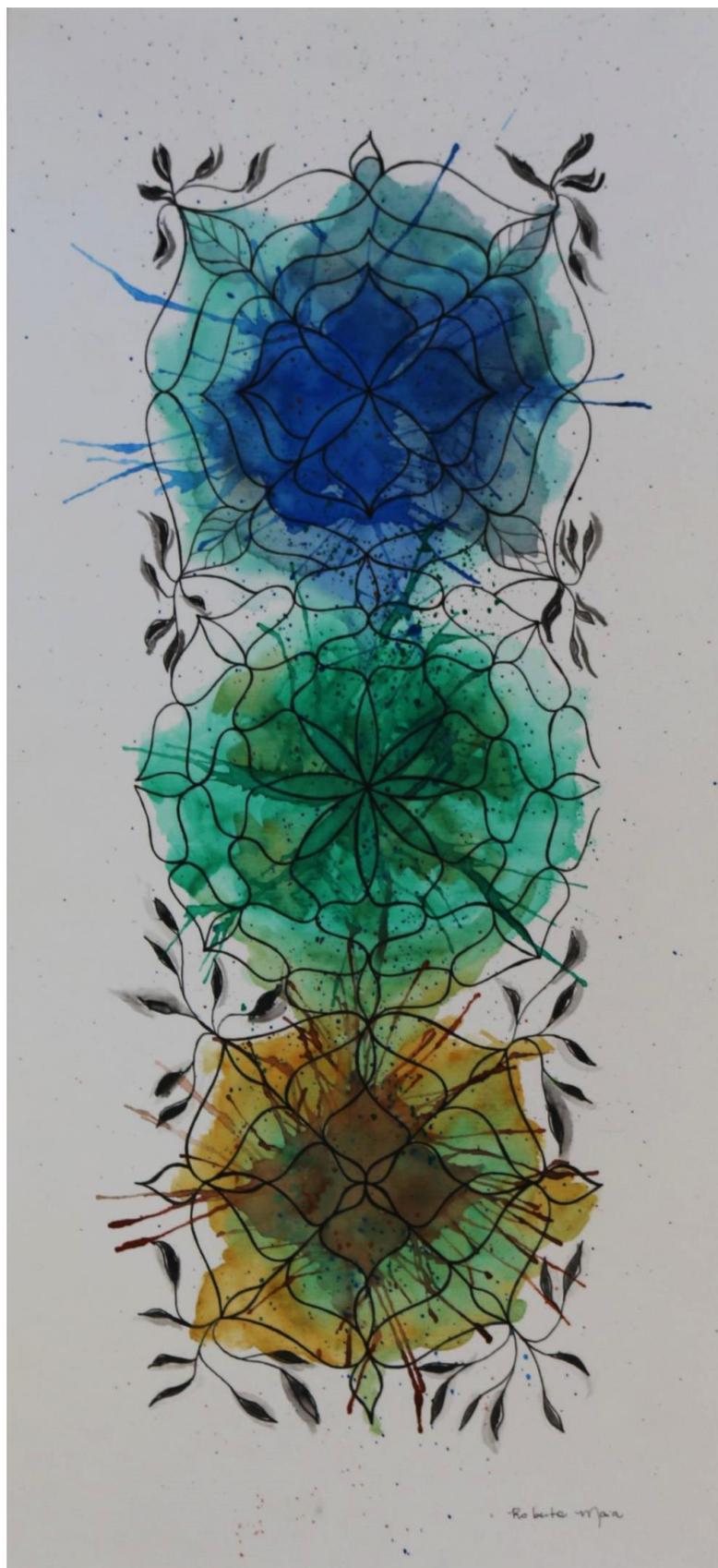
A ilustração que deu início a essa série foi nomeada *Rede-moinho* (ver Figura 13), marcou a mudança de moradia para a Garça Torta, representando uma desconstrução de si e um novo caminho para a vida pessoal, artística e acadêmica. Uma tela que marca fechamento e início de ciclos, que acontecem com grandes mudanças e outras perspectivas. O bairro da Garça trouxe um novo olhar para a cidade e a vontade de percorrer por uma leitura através da subjetividade.

Após essa transmutação, houve a *Mar-é-baixa* (ver Figura 14), que permite um encontro mais sensível com o bairro, e o encerramento da transição entre ciclos, com possibilidades de se perceber a partir desses novos olhares, com novas cores, existindo um reconhecimento de que os conflitos internos haviam tomado outra forma, aumentando o desfrute das belezas proporcionadas pelo lugar. A Garça Torta parecia proporcionar a qualidade de vida tão almejada.

O terceiro momento é definido pela ilustração *Ele-tri-cidades* (ver Figura 15) que já demonstra uma crítica ao bairro, devido à falta de estrutura no abastecimento de água, rede elétrica e saneamento básico, e como isso afeta diretamente no cotidiano dos moradores. Lida-se aqui com o descaso e com os problemas que se repetem a todo ano, sem nenhuma resolução. Também representa a visão de moradores que se reúnem em prol de soluções coletivas, como o movimento Abrace a Garça, que já apresentava sinais de enfraquecimento, chegando a paralisar suas reuniões; e a Associação de Moradores da Garça Torta (AMGT), ainda em atividade.

No entanto, *Salva-dor* (ver Figura 16) surge em paralelo mostrando que, apesar de tais dificuldades, estar no bairro tinha suas vantagens, como as relações de vizinhança, o encontro com a natureza, a inspiração para o trabalho e estudos e o descanso. Por alguns momentos, os problemas e conflitos eram esquecidos, até uma nova crise.

Figura 13 – Ilustração Rede-moinho.



Fonte: Acervo nosso, 2019.

Figura 14 – Ilustração Mar-é-baixa.



Fonte: Acervo nosso, 2019.

Figura 15 - Ilustração Ele-tri-cidades.



Fonte: Acervo nosso, 2019.

Figura 16 – Ilustração Salva-dor.



Fonte: Acervo nosso, 2019.

Com tudo isso era possível perceber *A-calma-ria* (ver Figura 17). Chegar em casa após um dia atarefado na cidade era deixar para trás pensamentos pessimistas, repensar os problemas do cotidiano, dar vez à tranquilidade e usar a sabedoria como aliada. Mesmo a Garça fazendo parte de Maceió, por seu ar interiorano e seu distanciamento do Centro e do tecido urbano mais edificado, todos os moradores se referem ao bairro como se estivessem fora da capital, fazendo seu percurso para a cidade como uma “viagem”.

O morar na Garça também reflete na arte. Muitos movimentos relacionados a esse tema, cultura, gastronomia acontecem no lugar. Assim, *Casada-arte* (ver Figura 18) representa todo e qualquer movimento que revolucione e seja cocriador do lugar. O título faz referência à Casa da Arte fundada em 1985 por Edna Constant – antiga moradora do bairro, já falecida –, cujo acervo é composto por artes visuais, esculturas, pinturas e biblioteca, tendo já realizado exposições e diversas oficinas para a comunidade. Vale ressaltar que, por muitas vezes, o envolvimento com a Garça Torta acabava por gerar desinteresse em frequentar outros lugares da cidade, resultando quase num isolamento, um respiro profundo, como se a praia e alguns acontecimentos noturnos já fossem suficientes no quesito lazer.

Diferentemente, *Ver-a-cidade* (ver Figura 19) reflete os momentos experienciados de lazer e encontros fora do bairro, apresentando uma reconexão com os movimentos culturais da cidade, mas também a dificuldade de locomoção em detrimento da insuficiência no transporte público e a insegurança, principalmente em períodos noturnos.

De certa forma, o morar na Garça trouxe uma *Liberta-ação* (ver Figura 20), renovou o sentido de estar em Maceió, e a possibilidade de outros tipos de ligação com o lugar, fora de nossas casas muradas ou altos prédios, era possível.

Sendo assim, tornou-se um lugar *Inspira-dor* (ver Figura 21), me fez revisitar modos de vida e repensar a relação com o lugar em que se mora, despertando o interesse em discuti-lo em outros âmbitos. A última ilustração *Ar-Recife* (ver Figura 22) marcou o fim de um ciclo no bairro e o processo de transição para Recife, que resultou nos estudos para esta pesquisa de mestrado.

Figura 17 – Ilustração A-calma-ria.



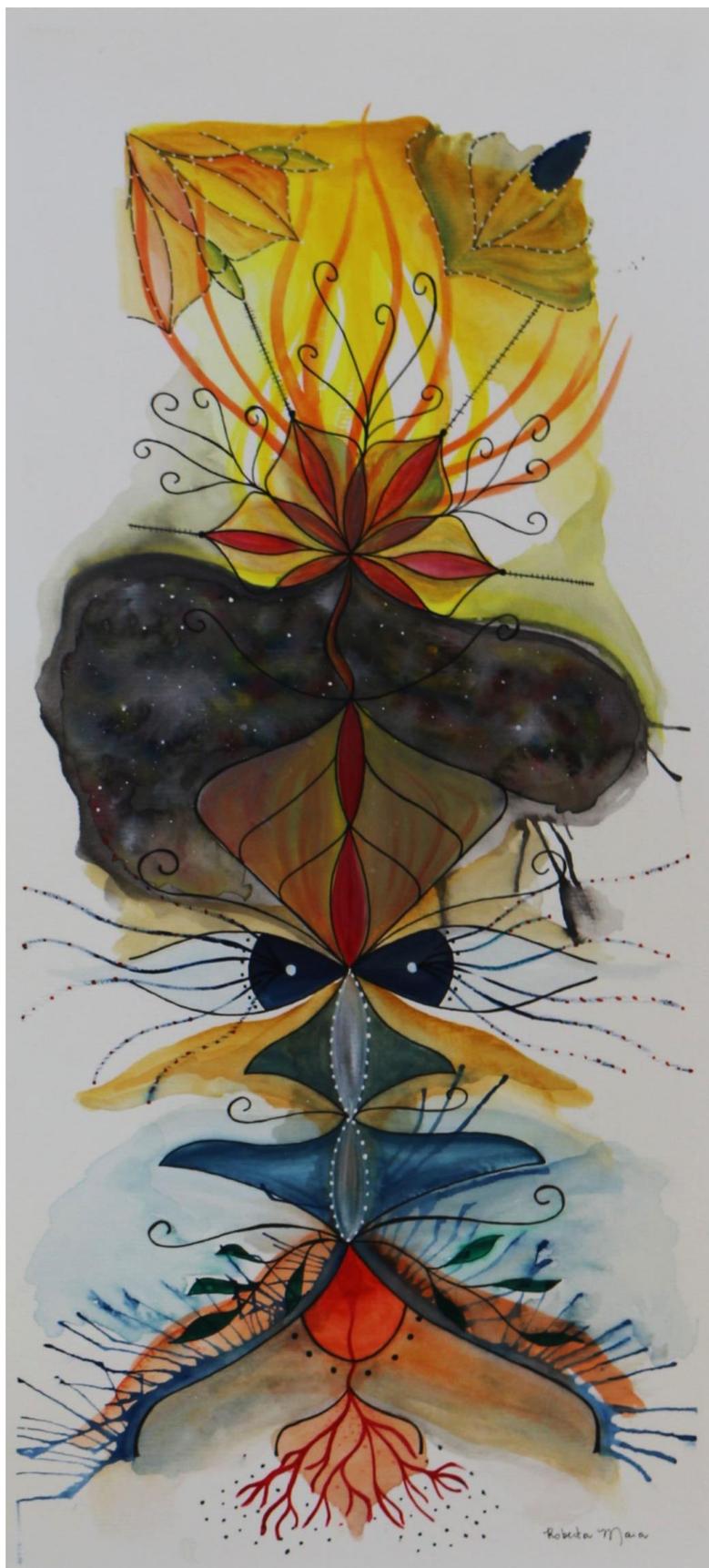
Fonte: Acervo nosso, 2019.

Figura 18 – Ilustração Casada-arte.



Fonte: Acervo nosso, 2019.

Figura 19 – Ilustração Ver-a-cidade.



Fonte: Acervo nosso, 2019.

Figura 20 – Ilustração Liberta-ação.



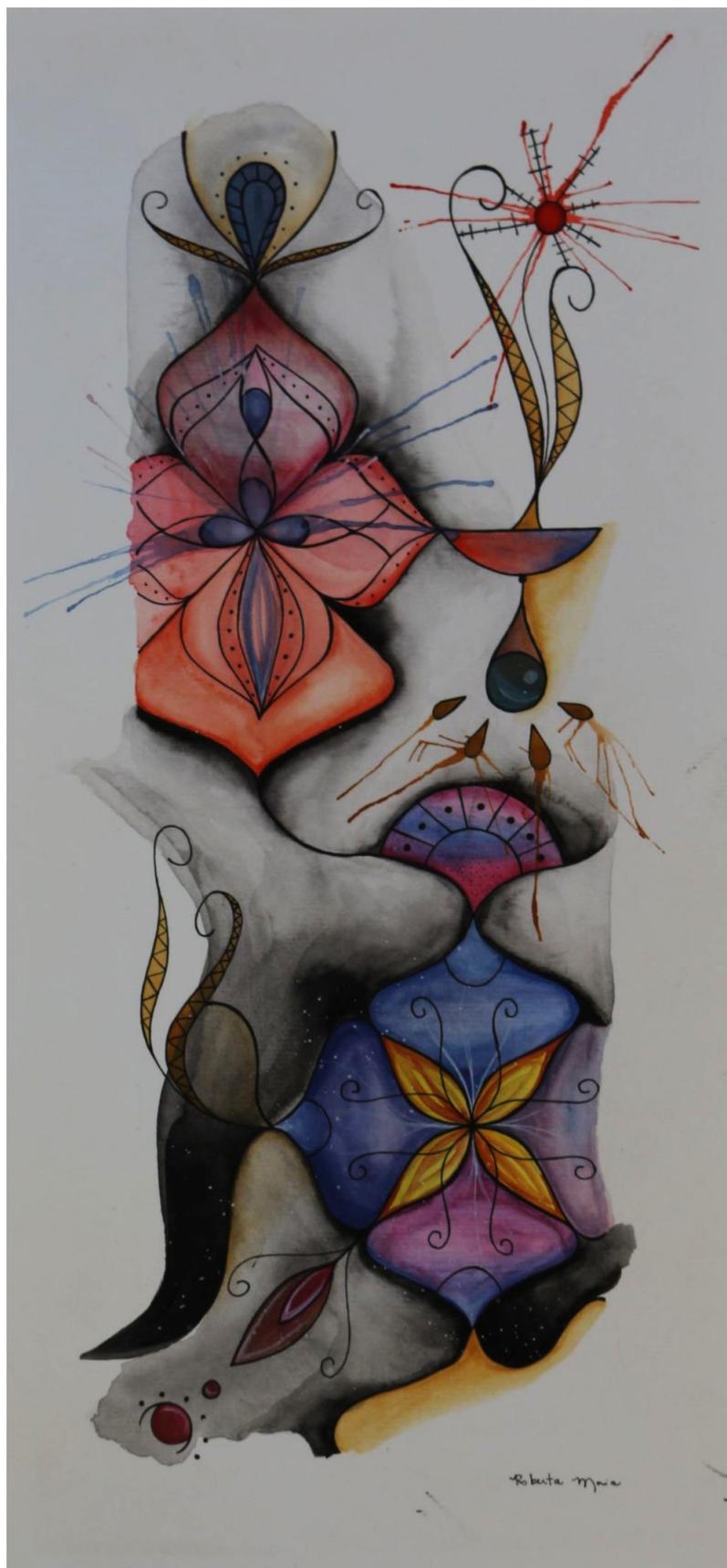
Fonte: Acervo nosso, 2019.

Figura 21 - Ilustração Inspira-dor.



Fonte: Acervo nosso, 2019.

Figura 22 – Ilustração Ar-recife.



Fonte: Acervo nosso, 2019.

Evidente que esse primeiro projeto teve uma maior liberdade de motivações, ir e vir era possível, qualquer tema poderia se transformar em traços coesos e abstratos. As ilustrações formaram o primeiro indicativo para se discutir vivências nos bairros por meio das técnicas de desenho e pintura. Mas agora existe um tema a seguir, questionamentos em busca de respostas, isto quer dizer que a arte se move na direção da pesquisa científica, com uma base teórica e uma metodologia<sup>11</sup> estabelecidas. A liberdade de expressão permanece, porém o foco está determinado, o corpo mulher que antes tinha em si todas as respostas sai em busca do que há nos outros e em si mesma, no encontro de semelhanças e diferenças; ainda se trata do corpo mulher, artista, sensível à realidade do bairro, mas com o conhecimento teórico impulsionando novos olhares.

Então, a Garça Torta foi escolhida para experimentar um novo arcabouço de relatos e análises sobre o corpo, considerada nesta dissertação como elemento instigador do espaço urbano, no sentido de perceber o que o bairro nos revela, e por que tantas pessoas buscam esse espaço para morar e compartilhar vivências. Ele apresenta, de fato, uma conotação bucólica ou se tornou um deslumbramento de uma vida interiorana na cidade grande? Destarte, o corpo inicia uma nova jornada de descobertas.

### 2.3 UMA METODOLOGIA DO SENTIR

A pesquisa que apoia esta dissertação foi guiada pela fenomenologia, através das experiências do corpo pela cidade, com o intuito de descrever os acontecimentos através da percepção.

Entre cientistas, filósofos e historiadores da arte há um consenso no sentido de reconhecer o método fenomenológico de pesquisa como estratégia importante para o reconhecimento do papel do corpo na relação com o outro e como princípio da experiência (GREINER, 2010, p. 72).

O estudo do corpo se inicia com a experiência que advém das vivências no cotidiano, levando em consideração a dimensão subjetiva da realidade inscrita. As formulações filosóficas que descreveram a “experiência viva” partem do estudo da fenomenologia a partir de diferentes vertentes, através de Edmund Husserl

---

<sup>11</sup> “[...] a metodologia inclui as concepções teóricas de abordagem, o conjunto de técnicas que possibilitam a construção da realidade e o sopro divino do potencial criativo do investigador” (MINAYO, 1994, p. 16).

(idealismo transcendental), do qual derivam os estudos de Maurice Merleau-Ponty (fenomenologia mundana) e Martin Heidegger (a ontologia do ser no mundo)<sup>12</sup>.

A base teórica foi estudada por meio da experiência corporificada de Merleau-Ponty (1999), que aborda o corpo como uma estrutura física e vivida ao mesmo tempo, tornando possível revelar o mundo percebido. Para ele,

A fenomenologia é o estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, resumem-se em definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo. Mas a fenomenologia é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua "facticidade". É uma filosofia transcendental que coloca em suspenso, para compreendê-las, as afirmações da atitude natural, mas é também uma filosofia para a qual o mundo já está sempre "ali", antes da reflexão, como uma presença inalienável, e cujo esforço todo consiste em reencontrar este contato ingênuo com o mundo, para dar-lhe enfim um estatuto filosófico. É a ambição de uma filosofia que seja uma 'ciência exata', mas é também um relato do espaço, do tempo, do mundo "vividos". É a tentativa de uma descrição direta de nossa experiência tal como ela é... (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 1).

A essência é colocada pelo autor como o caminho para se chegar à motivação da fenomenologia: o engajamento efetivo no mundo. Assim, a essência não é a meta, ela aponta o meio para compreender o mundo e conduzir seus conceitos, buscar o que o mundo significa antes de qualquer conceituação.

Diferentemente da ciência que explica, analisa os fatos, a fenomenologia vem para descrever as experiências, conduzidas pela percepção. Não se trata de menosprezar o conhecimento científico e filosófico, mas, sim, de se libertar de sínteses anteriores a fim de chegar ao que deve ser descrito. Pois, antes de se construir ou constituir uma teoria, é preciso nos esvaziar para perceber o mundo em essência. O tal filósofo fenomenólogo vai abrir caminhos para um relato do espaço, do tempo, numa descrição da nossa experiência no mundo. Experiência que é obtida por meio do corpo, num tipo de consciência corporal.

Todo o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido, e se queremos pensar a própria ciência com rigor, apreciar exatamente seu sentido e seu alcance, precisamos primeiramente despertar essa experiência do mundo da qual ela é a expressão segunda. A ciência não tem e não terá jamais o mesmo sentido de ser que o mundo percebido, pela simples razão de que ela é uma determinação ou uma explicação dele (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 3).

---

12 "Tanto Heidegger como Merleau-Ponty fizeram uma releitura crítica da obra de Husserl transpondo o idealismo transcendental para uma existência factual" (GREINER, 2010, p. 73).

Estamos tratando de eliminar qualquer tipo de idealismo, abstando-nos do senso comum por alguns momentos, a fim de tornar a entrega à experiência inalienável. A fenomenologia traz consigo esse “reaprender a ver o mundo”. Sua principal descoberta está na intencionalidade, as vivências são intencionais, através destas consegue se distinguir do modo de investigar da ciência clássica. A intencionalidade irá, então, guiar a consciência para um determinado objetivo. Para Greiner (2010, p. 73)

A fenomenologia de Merleau-Ponty já caminhava em direção à ciência porque buscava evitar qualquer tipo de retorno idealista, negando a existência de um “homem interior” e reconhecendo na percepção um campo de experiência que não se configurava exclusivamente como um ato psíquico, mas eminentemente corporal. [...] Merleau-Ponty optou por partir da encarnação corporal e intersubjetiva, como uma situação histórica, que modificava tudo.

Acontece que a fenomenologia une o subjetivismo e o objetivismo em sua própria noção de mundo, e é a partir dessa união que a percepção passa a ter um sentido. E esse sentido é adquirido com as experiências passadas, presentes e das experiências do outro que interferem diretamente na nossa. Então, não há fenomenologia sem intersubjetividade. No campo da filosofia, é a fenomenologia que compreende a essência em sua amplitude, força e sentido.

O mundo fenomenológico não é a explicitação de um ser prévio, mas a fundação do ser; a filosofia não é o reflexo de uma verdade prévia, mas, assim como a arte, é a realização de uma verdade (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 19).

Dito isso, como um primeiro esboço sobre o estudo do corpo, o caminho teórico segue a fenomenologia, que almeja uma relação verdadeira com o lugar, onde o mundo é o que percebemos. A escolha foi dada de forma natural, no decorrer das indagações do que se *pretendia* pesquisar e chegar *no como* pesquisar.

Desde o início, foi notório que a investigação se daria cotidianamente, numa entrega intensa às experiências. Investigar o fenômeno foi possível com as vivências da pesquisa associadas ao cotidiano dos sujeitos, entrelaçando vivências, saberes, buscando a compreensão do lugar a partir da sua essência. O fenômeno é o encontro entre o sujeito e o objeto, o observador e o observado. Entende-se que o objeto é aquilo que é percebido pelo sujeito. O observador, sendo também sujeito, é parte integrante do campo perceptivo, e seu modo de conhecer se manifesta a partir

dessa relação. Essa análise descritiva consiste na valorização da relação do sujeito sobre o objeto.

Para a realização da pesquisa foram necessários alguns procedimentos e técnicas que, por se direcionarem por um caminho artístico dentro de algumas especificidades, serão discriminados a seguir.

O levantamento de dados para a elaboração da pesquisa foi alcançado através de documentação indireta (pesquisa bibliográfica) para compreensão dos conceitos e, a partir deles, apresentar o tema-conceito *corpo artista*; e documentação direta (pesquisa de campo) com as experiências vividas para constituição dos relatos corpóreos.

Para que a investigação acontecesse foram necessárias escolhas de maneiras de agir a partir da fenomenologia, e definidas técnicas para sua efetivação:

- ✓ A observação participante apresentou um papel fundamental na apreensão da realidade intrínseca no bairro de Garça Torta, considerada a principal ferramenta utilizada para um engajamento efetivo sobre os acontecimentos cotidianos. Foi utilizada de forma não estruturada e espontânea, sem um planejamento prévio; foi necessário ir a campo, permitir o envolvimento com o lugar e os sujeitos. Por se tratar de um estudo realizado por meio do corpo artista, a fluidez e espontaneidade tiveram forte presença na coleta de dados;
- ✓ Outra técnica trata do registro fotográfico que esteve diretamente vinculado à observação participante. Foram utilizadas fotografias, consideradas fundamentais para a pesquisa, visto que a tecnologia é uma aliada nos estudos da realidade urbana. Na maioria das vezes, foi utilizado o próprio telefone móvel para oferecer maior discricção ao momento registrado, sendo a câmera fotográfica usada principalmente na faixa de praia, quando se exigia maior capacidade no alcance de objetos distantes.
- ✓ No sentido de ir além na percepção e fazer a relação com o conceito de corpo artista, optou-se pelo uso de registros de produção de imagens através de desenho e pintura<sup>13</sup>, ativando a sensibilidade do corpo artista. As ilustrações

---

13 Um desenho tem a qualidade de demorar-se em sua execução, algo que o aproxima de uma filmagem, sem termos, no entanto, a necessidade quase mimética de “re-bobinar a fita” para recuperar aquela passagem temporal a fim de observarmos novamente o que registramos. Ao demorar-se em sua execução – seja esse desenho mal feito ou até mesmo um simples esboço – o que ocorre é um certo tipo de investimento na observação que, por alguns momentos, se detém na percepção e inscrição de elementos eventualmente desconhecidos do pesquisador (AZEVEDO, 2016, p. 107).

foram consideradas um modo instigante para a linguagem visual, por se tratar de uma pesquisa de cunho subjetivo; entendendo que a percepção de um corpo artista pode ser mais bem captada pela sua arte, para que se revele o que é invisível aos olhos, além da fisicalidade, o que penetra o âmago dos seres. Há um gosto em se pensar que as ilustrações podem revelar sentimentos experienciados com mais atenção no momento apreendido, tão fortes quanto uma fotografia poderia revelar. A união das duas técnicas, ilustração e fotografias, revela um novo modo de olhar para o urbano, a própria abstração nas ilustrações já demonstra sensações que podem soar diferentes das sentidas em uma fotografia.

- ✓ O diário gráfico complementa as técnicas anteriores: trata-se de um caderno dedicado a memorizar todos os registros no decorrer da pesquisa de campo, sejam escritos ou desenhados. “Ou seja, se usualmente pensamos apenas em preencher nossos diários com a escrita, aqui pensaremos também no desenho como uma forma de observação e descrição pertinente” (AZEVEDO, 2016, p. 104);
- ✓ As cartografias<sup>14</sup> complementam a linguagem visual da pesquisa, com a função de situar geograficamente os leitores quanto às linhas visíveis e invisíveis, determinadas pela própria cidade e seus aspectos subjetivos. De acordo com Rolnik (1989), o cartógrafo se atenta aos afetos e deve estar intrínseco às intensidades do lugar, um mergulho profundo; suas cartografias surgem a partir das linguagens encontradas que geram elementos compositivos. As cartografias também foram formuladas a partir de ilustrações, com preferência à produção manual no sentido de conferir continuidade à inserção da arte na elaboração do material visual.

A partir da determinação desse caminho metodológico seguimos para a definição de alguns conceitos para chegarmos ao tema-conceito principal desta dissertação: o corpo artista.

---

14 Para Tuan (1983, p. 86), “o desenho de mapas é evidência incontestável do poder de conceituar as relações espaciais”.

### 3 TOCAR O INVISÍVEL: O CORPO ARTISTA

“Então, o que devolverá o corpo aos sentidos? O que poderá tornar as pessoas mais conscientes umas das outras, mais capacitadas a expressar fisicamente seus afetos?

Obviamente, as relações entre os corpos humanos no espaço é que determinam suas reações mútuas, como se veem e se ouvem, como se tocam ou se distanciam”.

Richard Sennett

Neste momento, o foco é na discussão da cidade enquanto propulsora do movimento dos corpos, como sua leitura vem se modificando através do tempo, sendo tomada pela passividade e a privação dos sentidos, e como esse estudo pode explicar o fenômeno que acontece na cidade contemporânea; explicitado o conceito de corpo, espaço, lugar e tempo, para adentrar ao tema-conceito de corpo artista, proposto como norteador desta dissertação, configurado pela percepção.

#### 3.1 PASSIVIDADE DOS CORPOS E PRIVAÇÃO DOS SENTIDOS NA CIDADE CONTEMPORÂNEA

A cidade em suas constantes mudanças redefine seus significados por meio da dinâmica que é impulsionada pela sociedade. Em outros tempos, a presença de pessoas nos espaços urbanos possibilitava a troca com outros grupos<sup>15</sup> e era essencial para a própria tomada de decisão sobre os caminhos para o desenvolvimento político, econômico e social da cidade. A abdicação dessas decisões de forma participativa, da capacidade de cooperar e da apropriação dos espaços culminaram em vários problemas urbanos que vêm se intensificando com o tempo.

Atualmente, as cidades contemporâneas não são precisamente iguais, mas os processos de globalização auxiliam e impulsionam sua homogeneização. Ela experimenta estágios de bloqueios, monotonia, cenas semelhantes, cerceamento tátil. Edifícios que se repetem, muros que crescem cada vez mais, sombreando e

---

<sup>15</sup> Hoje essa troca é tomada pelo medo e insegurança instalados nas cidades.

congelando a paisagem. A cidade, por vezes, nos parece opaca, sem brilho, com armadilhas para o individualismo e cerceamento dos sentidos.

A privação sensorial é apresentada como um problema contemporâneo, considerando que foi construída a partir do somatório das ações humanas sobre o espaço urbano e seu impacto na vida da população. Esse conceito nos leva, ainda, à ideia da passividade dos corpos, que sob os efeitos das cidades produzidas pelo capitalismo tendem a resistir às experiências sensoriais na cidade, lidando com a velocidade das necessidades que são impostas no cotidiano.

“O novo capitalismo permite que o poder se desvincule da autoridade, vivendo a elite em um distanciamento global em relação às responsabilidades para com os outros no espaço imediato” (SENNETT, 2013, p.335). É possível perceber ações que priorizam o mercado imobiliário, o setor turístico, as grandes empresas.

As ações seguem na direção do que interessa ao capital. As consequências são sentidas de forma mais brutal pelas mãos dos menos favorecidos, daqueles que não fazem parte da bolha elitizada da cidade. A discussão dos processos de apropriação dos espaços deve ser ampliada a partir da conscientização dessa realidade, no sentido de clarear as delimitações impostas pelos espaços produzidos estrategicamente pela lógica do capital.

Sennett (2016) fez uma profunda reflexão sobre o uso dos corpos nos espaços urbanos, que justifica a escolha de ter o corpo como instigador de uma análise do cotidiano. O corpo foi a referência para apreender as cidades no passado, a fim de esclarecer suas expressões na arquitetura, no urbanismo e na vida cotidiana. O autor nos aponta como motivação para seus estudos a problemática contemporânea em que os corpos se tornaram passivos com o passar do tempo, devido às intervenções humanas nas formas da cidade, às mudanças dos perfis de sociedade, ao avanço tecnológico nos meios de comunicação e ao distanciamento entre passado e presente. Todas essas questões caminharam para o desprezo aos múltiplos sentidos, pois dá-se vez à individualidade, ao olhar distante, aos corpos que transitam e se afastam dos lugares, deixam de pertencer e de compartilhar experiências.

Minha tese não se baseia na nostalgia de um passado mágico em que as coisas pareciam inevitavelmente melhores. A capacidade de cooperar de maneiras complexas está enraizada, isto sim, nas etapas mais iniciais do desenvolvimento humano; essas capacidades não desaparecem na vida

adulta. E esses recursos de desenvolvimento correm o risco de ser desperdiçados pela sociedade moderna (SENNETT, 2013, p. 20).

A privação sensorial tornou-se mais nítida no período moderno; apesar de focar na liberdade de movimentos, a experiência nos espaços acompanhou certo distanciamento dos lugares e das pessoas. O pensamento moderno alimentou a necessidade do automóvel, criando vias expressas, edifícios torres, dificultando o caminhar e a relação do sujeito com a leitura do entorno, desabilitando a prática de cooperação.

As necessidades dos automóveis são mais facilmente compreendidas e satisfeitas do que as complexas necessidades das cidades, e um número crescente de urbanistas e projetistas acabou acreditando que, se conseguirem solucionar os problemas de trânsito, terão solucionado o maior problema das cidades. As cidades apresentam preocupações econômicas e sociais muito mais complicadas do que o trânsito de automóveis (JACOBS, 2011, p. 6).

O período moderno, com seus projetos urbanísticos e arquitetônicos cercados de monotonia e grandes escalas voltadas às necessidades do automóvel, possibilitou uma nova crítica aos espaços urbanos, encadeando uma crise do sentido da arquitetura e de suas expressões/significados. Nesse período, “o corpo se move de maneira passiva, anestesiado no espaço, para destinos estabelecidos em uma geografia urbana fragmentada e descontínua” (SENNETT, 2016, p. 17).

A experiência pessoal é a marca do espaço habitado/construído; então, o espaço “anestesiado” desvincula os encontros de permanência e as trocas sensoriais, por isso foi necessário resgatar uma arquitetura que abriga/acolhe o ser humano, incluindo as experiências cotidianas como determinante na qualidade dos espaços. Mas, Sennett (2016) identificou que o problema da passividade dos corpos tem raízes mais profundas e abrangentes do que uma falha profissional modernista. A verdade é que “as cidades são um imenso laboratório de tentativa e erro, fracasso e sucesso, em termos de construção e desenho urbano” (JACOBS, 2011, p. 5). O que intriga são as insistentes tentativas pelas quais a história já revelou terminar em erros e fracassos. Acontece que enquanto o interesse do capital prevalecer sobre as condições humanas de vida, o quadro continuará a se repetir.

Esta compreensão é importante para que se percebam as expressões do corpo além das sensações físicas no espaço urbano, do caminhar desatento ao meio e apressado, sem notar a presença de outros ou a potencialidade dos locais. “A condição física do corpo em deslocamento reforça a sensação de desconexão

com o espaço. Em alta velocidade, é difícil prestar atenção na paisagem” (SENNETT, 2016, p. 16-17) e nos outros. Parece que “o resultado mais comum nas cidades, onde as pessoas se veem diante da opção de compartilhar muito ou nada, é o nada” (JACOBS, 2011, p. 70). Considerar as formas do espaço urbano derivantes das experiências corpóreas traz mudanças no entendimento do corpo, que possui diversidades, é multicultural e precisa agir empaticamente.

O conceito de empatia é um importante norteador na interação com outros corpos. Berthoz (2004), quando nos fala da fisiologia da mudança do ponto de vista, reflete sobre uma dupla vivência, uma mistura do eu e do outro. Para o autor, se colocar no lugar do outro é adotar outro olhar, é mudar de perspectiva; vivenciar através do ponto de vista do outro, sem egocentrismo. Consideramos que a empatia está integrada ao corpo sensível.

Sennett (2013, p. 34) ainda nos afirma que “a empatia é uma prática mais exigente, pelo menos na escuta; o ouvinte precisa sair de si mesmo” para compreender o outro, e destaca uma prosa de Alexis de Tocqueville<sup>16</sup> do livro *A democracia na América*, 1840, para relatar o sentimento de individualismo como modo de isolamento e uma força que debilita a cooperação:

Cada pessoa retirada em si mesma, comporta-se como se fosse alheia ao destino de todas as demais. Seus filhos e os bons amigos constituem para ela toda a espécie humana. Quanto a suas transações com os concidadãos, pode misturar-se a eles, mas não os vê; toca-os, mas não os sente; existe apenas em si mesma e apenas para si. E, se nesses termos permanece em seu espírito algum sentimento de família, já não persiste um sentimento de sociedade (SENNETT apud TOCQUEVILLE, 2013, p. 229).

As palavras de Tocqueville ainda permanecem atuais, diante de que a cidade apresenta questões conflitantes que são tratadas de forma individual. É comum a busca por soluções individuais no atendimento às necessidades que se apresentam cotidianamente, o problema em si se arrasta no imediatismo, e os que não têm condições ou forças para uma resolução individual ficam entregues ao descaso. O sentimento de cooperação se perde diante da passividade dos corpos, em suas cidades muradas, fechadas para o convívio social. “A vida comum é vivenciada como um *campo minado*<sup>17</sup>. No contato com desconhecidos, a pessoa acometida de

---

<sup>16</sup> O francês Alexis de Tocqueville (1805-1859) foi um pensador e historiador político, tratou da liberdade e democracia em seus escritos. “Expôs aos leitores a tese de que o individualismo aumentaria a sociedade moderna, à medida que os velhos vínculos da tradição e da hierarquia social declinassem” (SENNETT, 2013, p. 232).

<sup>17</sup> Grifo nosso.

insegurança ontológica provavelmente focará sua atenção nas ameaças que eles representam” (SENNETT, 2013, p. 237).

Com isso, apesar de todo corpo apresentar liberdade e fluidez em seu movimento, não há uma interação com outros corpos, seja para um simples encontro de descontração ou para discussões mais complexas sobre os caminhos da urbe. A presença de outras pessoas, outros olhares afeta o estado de liberdade e segurança do indivíduo, podendo gerar sensações positivas ou negativas, mas que de todo modo são tidas com distanciamento. Por exemplo, uma rua movimentada, com pessoas, ocasiona uma sensação de segurança positiva que auxilia o transitar; já o contrário pode trazer sentimentos de medo e angústia.

A segurança das ruas é mais eficaz, mais informal e envolve menos traços de hostilidade e desconfiança exatamente quando as pessoas as utilizam e usufruem espontaneamente e estão menos conscientes, de maneira geral, de que estão policiando (JACOBS, 2011, p. 37).

A autora nos fala que aqueles que tomam conta das ruas percebem os desconhecidos e qualquer movimento estranho, passam a observar tudo que acontece e, se precisarem, intervêm, no intuito de manter a tranquilidade. É necessário ter olhos nas ruas, que podem ser formados pelos próprios moradores e usuários de maneira não intencional.

Estar na cidade é um convite para ativar nossas ações no espaço, participar e se deixar perceber a paisagem, o movimento dos outros, entregar o corpo aos sentidos. Na cidade temos não só a materialidade, mas o espaço simbólico e da intersubjetividade, ligado à produção e reprodução do cotidiano. Um corpo não deve ser separado de sua forma, de seu modo de vida.

Uma vida, que não pode ser separada de sua forma, é uma vida para a qual, em seu modo de viver, está em questão o próprio viver e, em seu viver, está em jogo sobretudo, seu modo de viver. O que significa essa expressão? Ela define uma vida – a vida humana – na qual cada um dos modos, dos atos e dos processos do viver nunca são simplesmente *atos*, mas sempre e sobretudo são *possibilidades*<sup>18</sup> de vida, sempre e sobretudo potência (AGAMBEN, 2017, p. 233).

O autor encara os modos de vida<sup>19</sup> como potência, sendo a essência de cada ser. Sendo assim, inseparável da experiência cotidiana e da própria busca pela

---

<sup>18</sup> Todos os grifos são do autor.

<sup>19</sup> Agamben (2017) explica essa potência a partir do termo *forma-de-vida*, que considera diferente de *forma de vida*. Nesse trabalho, consideramos o termo *modo de vida*, mas que, no fim, quer representar o mesmo sentido.

felicidade. Não existe vida cotidiana separada do modo de vida. “A forma-de-vida nesse sentido, é uma ‘maneira manancial’, não um ser que tem essa ou aquela propriedade ou qualidade, mas um ser que é seu modo de ser, que é seu surgir e é continuamente gerado por sua ‘maneira’ de ser” (AGAMBEN, 2017, p. 251). A conexão com o modo de vida de uma população parece essencial para se compreender o lugar do cotidiano na cidade. Sem cotidiano não há vida na urbe.

Para compreendermos esse cotidiano, Certeau (1998) o conceitua como conjunto de operações singulares, exaltando o sentido das práticas no dia a dia, sendo por excelência o lugar da liberdade e da criatividade. Nesse momento, é possível identificar um ponto comum entre Certeau e Agamben, que pontuam o cotidiano como a essência da cidade e o caminho para resolução de problemas contemporâneos. A cidade é advinda de uma produção estratégica da vida cotidiana, e deve ser analisada por aqueles que experimentam de fato o cotidiano.

Resumidamente, o corpo que resiste às experiências subjetivas nos espaços urbanos provoca um processo de passividade, quando deveria deixar-se perceber as diversas sensações, e inclusive permitir que esse importante viés contribua nas decisões que movem a cidade. Nesse sentido, marcamos o início desse corpo inserido na cidade contemporânea, trazendo-o como lugar do pensamento, produtor de intensidades, tido como a própria definição do lugar.

### 3.2 ESPAÇO, LUGAR E TEMPO

A partir da essência do lugar, percebemos um corpo que caminha através de seus sentidos, e unido às suas experiências torna-se o próprio lugar. Citando Merleau-Ponty (1999, p. 124), norteador fenomenológico desta dissertação:

Enquanto tenho "órgãos dos sentidos", um "corpo", "funções psíquicas" comparáveis àquelas dos outros homens, cada um dos momentos de minha experiência deixa de ser uma totalidade integrada, rigorosamente única, em que os detalhes só existiriam em função do conjunto, eu me torno o lugar onde uma multidão de "causalidades" se entrecruzam.

O corpo habita o espaço e o tempo, sendo possível descrevê-lo enquanto lugar dessa apropriação. Para utilizar o corpo como modo de conhecer, é fundamental compreender os conceitos espaço, lugar e tempo, e como se conectam entre si, além de que “a distinção entre espaço e lugar é fundamental na forma urbana. Mais do que apego emocional por onde se vive, a questão envolve uma

experiência temporal” (SENNETT, 2016, p. 193). Os conceitos foram estudados a partir de autores que se utilizam das experiências<sup>20</sup> para sua determinação, Michel de Certeau, Yi-Fu Tuan e Kevin Lynch.

Para compreender como o sentido de lugar influencia neste trabalho é necessário se iniciar pelo conceito de espaço como um lugar de práticas sociais, das experiências urbanas. Tuan (1983, p. 6) fala que,

Na experiência, o significado de espaço frequentemente se funde com o de lugar. “Espaço” é mais abstrato do que “lugar”. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor. Os arquitetos falam sobre as qualidades espaciais do lugar; podem igualmente falar das qualidades locais do espaço. As ideias de “espaço” e “lugar” não podem ser definidas uma sem a outra. A partir da segurança e estabilidade do lugar estamos cientes da amplitude, da liberdade e da ameaça do espaço, e vice-versa. Além disso, se pensamos no espaço como algo que permite movimento, então lugar é pausa; cada pausa no movimento torna possível que localização se transforme em lugar.

Espaço e lugar caminham juntos, porém, apresentam significados distintos que muitas vezes são confundidos, ambos ganham sentido através da experiência, que determina o tipo de relação que está se adquirindo no local. Parece cansativa e repetida a ideia de trabalhar tais conceitos, no entanto, eles podem ser estudados por olhares diferentes<sup>21</sup>.

Neste momento, a experiência espacial é analisada a partir da arquitetura e tem seu valor a partir da ocupação humana e suas sensações envolvidas; as práticas do cotidiano revelam a experiência pessoal como marca do espaço habitado. Esse espaço vivenciado é o protagonista da arquitetura, que vai da edificação até a escala da cidade.

Na perspectiva das práticas do cotidiano, os relatos das experiências podem transformar lugares em espaços ou espaços em lugares (CERTEAU, 1998). Pois, a partir das descrições, é possível notar a relação do corpo com o ambiente, e definir o tratamento que deve ser seguido. Cada local circundante é diferenciado de acordo

---

<sup>20</sup> Todo estudo se move a partir da experiência.

<sup>21</sup> Por exemplo, a definição de espaço geográfico ainda é muito utilizada por arquitetos e urbanistas. A geografia define o espaço social, não o espaço arquitetônico, chamando atenção para o cuidado conceitual que se faz necessário para os estudos com viés arquitetônico, pois a arquitetura é dinâmica, advém da força propulsora humana, do ser pensante que concebe o espaço. Arquitetura é esse espaço interno que abriga, acolhe o humano (LEITÃO; LACERDA, 2016). Nesse sentido, a diferença entre espaço social e espaço arquitetônico representa-se em dois momentos: o primeiro é analítico, pois faz referência ao estudo da forma, função, estrutura e processo, não estando dissociado da estrutura social; e o segundo é produzido, ao tratar do episódio projetual.

com a pessoa que o ocupa e o ressignifica, isto é, a experiência que determina o significado do espaço.

Por advir da experiência, lugar apresenta identidade, liberdade, leva em consideração os problemas dos traços comuns que transcendem as particularidades culturais. Lugar reflete os significados atribuídos por cada um. Isto quer dizer que, quando o espaço se torna familiar, passa a ser lugar. Em todo caso, experienciar o lugar é aprender com nossas vivências, toda experiência é dotada de sentimento e pensamento, que são modos de conhecer através do corpo.

Assim como espaço e lugar, o conceito de tempo também intercruza as relações do corpo, visto que toda existência se materializa a partir do movimento que acontece no espaço num determinado tempo. Para Lynch (1975), o caráter temporal é crucial para o bem-estar de cada indivíduo, e interfere diretamente no entorno físico e nas mudanças que podem ocorrer no ambiente. O entorno pode fortalecer a imagem presente do tempo, e essa relação pode auxiliar na construção do modo de conhecer um lugar. Tuan (1983, p.198) nos indica que “a sensação de tempo afeta a sensação de lugar”.

A relação entre tempo e lugar pode ser explorada a partir de três abordagens: a) o tempo visto como movimento/fluxo e lugar como a pausa na corrente temporal; b) a afeição pelo lugar considerada como uma função de tempo; c) e o lugar como lembranças de tempos passados (TUAN, 1983). Na primeira abordagem, o tempo é visto como movimento, quer dizer que está acontecendo naquele determinado momento, na fluidez que acompanha o agora. À medida que se coloca num lugar estável, tem-se a pausa; no entanto, as práticas não param de acontecer. Na segunda, que se interliga com a primeira, equivale aos sentimentos e pensamentos ocorridos com a afetação do lugar, que gera uma identidade, dando novos significados ao que antes era espaço. Na terceira e última abordagem, temos as lembranças adquiridas nos lugares que vão sendo guardadas na memória.

O tempo é reconhecido em três períodos específicos, passado, presente e futuro. Também é possível classificá-lo em duas classes de evidências que marcam sua passagem: a primeira refere-se à própria natureza, aos ciclos da lua e do sol, à respiração, às batidas do coração, às estações, etc.; a segunda, ao crescimento e decadência, ligados às realizações do homem (LYNCH, 1975). Nossa respiração acontece no presente, no chamado agora, mas por muitas vezes nossos desejos, ânsias e preocupações nos aprisionam em outros tempos (passado ou futuro).

Assim, o tempo também se caracteriza em tempo interior e exterior. No interior, o ser humano tende a viver esses outros tempos, passado e futuro; contudo, o tempo exterior acontece no presente, e sempre acontecerá.

É importante se atentar ao tempo como um todo, sem excluir qualquer uma de suas partes; ele se vincula ao passado, presente e futuro, e suas partes coexistem, nem um período se apaga, o passado guarda a memória e constrói o presente, o futuro virá dar lugar ao presente. Todas essas sensações são perceptíveis na experiência, mas, por mais que o passado esteja inscrito e o futuro possa ser pressentido, é no presente que o corpo se insere. Lynch (1975) considera que nossa percepção do tempo está ligada ao sentido do agora, e o entorno pode fortalecer e humanizar este tempo presente. O autor nos mostra que esta é a função primordial do tempo.

Agamben (2009) também reflete sobre o tempo presente quando faz interpretações sobre o que é ser contemporâneo e afirma que aquele que escreve no presente adere à contemporaneidade, ao seu tempo, numa relação singular com este, se aproximando e se distanciando. No pertencimento ao seu tempo (tempo presente), o sujeito passa a perceber e apreender melhor a realidade intrínseca.

O importante é compreender que a percepção possibilita a apreensão do tempo internamente, diferenciando os eventos de experiências passadas, o sujeito percebe a si mesmo e o que está em seu entorno, o mundo percebido. Destarte, a experiência se desdobra num conhecimento próximo, e as percepções mudam com a passagem do tempo. Mas o tempo registra, tem suas marcas, não se extingue. Para o estudo do corpo considera-se que seu trânsito e sensações acontecem no tempo presente, sua experiência é processual, mas a informação adquirida e já existente ultrapassa essa barreira, vai além, perdura no tempo.

### 3.3 A PERCEPÇÃO NA EXPERIÊNCIA CORPÓREA

O estudo da percepção é considerado um ponto de partida fundamental para o mergulho nas experiências corpóreas, ela é o princípio de toda experiência. Como dito anteriormente, Merleau-Ponty se dedicou amplamente na proposta do corpo como estrutura física e vivida ao mesmo tempo, tendo a percepção como campo de experiência eminentemente corporal (GREINER, 2005). O filósofo foi determinante para dar início ao estudo do corpo, com ações visíveis e invisíveis dentro dos

processos perceptivos e sensoriomotores. Sua teoria trabalha com o corpo encarnado pela experiência de vida, numa descrição do estado do corpo no mundo, enquanto exterioridade, escrita, vinculando percepção e fisicalidade – experiência do vivido.

Entende-se que a percepção depende da experiência, do movimento do corpo que está intrínseco numa determinada realidade. O corpo é determinado como um meio de conhecer e desvendar a realidade perceptiva dos lugares, trata-se de um fenômeno perceptivo-imaginativo.

Compreende-se um olhar além da objetividade, movendo-se através de um plano subjetivo, estimando uma dimensão sensível no olhar sobre o objeto exterior. Os dados visuais são identificados pelo sentido tátil, e não se encerram em uma única perspectiva, avançam o significado de observar e conhecer, intensificando as experiências. Assim, o olhar é o toque (MERLEAU-PONTY, 1999), não se encerra na perspectiva da visão, é percebido através das várias experiências multissensoriais. A partir desse olhar, as relações se aproximam, vivenciando o lugar em sua amplitude.

Na experiência, o corpo precisa ser um objeto no mundo, ter relações com os acontecimentos para alcançar o êxtase. A compreensão da função do corpo acontece quando o próprio sujeito a realiza, quando nos colocamos para o mundo. Trata-se aqui da espacialidade do corpo, da experiência que encarna o espaço na existência (MERLEAU-PONTY, 1999). Assim, o corpo é no espaço, sua essência possui determinações espaciais. A espacialidade acontece por meio desse desdobramento, determinada pelo movimento corpóreo que evidencia as relações entre espaço e tempo.

Considerando o corpo em movimento, vê-se melhor como ele habita o espaço (e também o tempo), porque o movimento não se contenta em submeter-se ao espaço e ao tempo, ele os assume ativamente, retoma-os em sua significação original, que se esvai na banalidade das situações adquiridas (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 149).

Por isso, o presente é tão importante, pois nele captamos as sensações. Essa construção/interpretação dá margem para a criação de argumentos e novas informações. Greiner (2010) nos fala que a interpretação é considerada umas das principais características do processo de corporificação, estabelecida a partir de três momentos: 1) movimento, 2) representação da informação e 3) construção de

imagem. A autora traz esse processo a partir do *corpomídia*<sup>22</sup>, explicando-o como a fonte primária para a comunicação. No entanto, compreendeu-se que os significados adquiridos podem ser traduzidos para outras áreas, como a arquitetura e urbanismo. Assim, esses três momentos (movimento, representação da informação e construção de imagem) referem-se ao movimento, fluxo de imagens e na ação empregada por um objetivo. O corpo seria um criador de significados, a partir das relações estabelecidas com pessoas e lugares, concebidas nas imagens internas.

Nesse momento, o corpo artista pode se diferenciar de outros corpos e entra em cena como uma possibilidade de experimentação. Entende-se que a percepção adquirida pelo corpo artista pode perdurar, visto que a captação da informação ocorrida é apresentada além de dados estáticos.

Quando se começa a estudar o corpo a partir de estados diferentes (e, muitas vezes, simultâneos), é como se identificássemos múltiplos escaneamentos nos quais imagens se atravessam umas às outras e mudam a cada instante. [...] há evidências de que alguns desses pensamentos-imagens se processam de modos específicos no corpo artista. Esta especificidade não está nas “coisas” que elas representam mas no “modo” como operam” (GREINER, 2010. p. 109).

O modo como o corpo artista se relaciona com o mundo a partir de seu sentido criativo ultrapassa o imediatismo. Sua experiência para a construção de significados envolve a sensibilidade artística, a criação em arte. De acordo com Merleau-Ponty (2014), a pintura<sup>23</sup> apresenta a nossos olhos uma projeção das sensações que se inscreveram naquele momento em que foi construída, ela coloca em evidência como o objeto é verdadeiramente visto na vida. Além do mais, nem sempre o artista poderia explicar suas ações e conceitos, mas sua entrega à obra define sua experiência inteiramente.

Quando vinculamos os processos de criação na construção de resultados, as formas de perceber tornam-se fundamentais e atuam em conjunto com intuição e imaginação. Para Fayga Ostrower, artista e autora de diversos livros sobre criação

---

<sup>22</sup> “Vivendo sempre em processo, o corpomídia nutre a possibilidade de conectar tempos, linguagens, culturas e ambientes distintos” (GREINER, 2005). O corpomídia citado por Greiner faz parte de um projeto compartilhado com a professora Helena Katz no Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da PUC de São Paulo.

<sup>23</sup> Diversas são as formas e materiais utilizados para criação de objetos artísticos, mas vale ressaltar que nesta pesquisa a técnica em questão é a ilustração, pertencente ao campo da arte contemporânea.

artística e sensibilidade, a intuição é a base dos processos de criação, intuição e percepção são modos de conhecer<sup>24</sup>.

As formas de percepção não são gratuitas nem os relacionamentos se estabelecem ao acaso. Ainda que talvez a lógica de seu desdobramento nos escape, sentimos perfeitamente que há um nexos. Sentimos também, que de certo modo somos nós o ponto focal de referência, pois ao relacionarmos os fenômenos nós os ligamos entre si e os vinculamos a nós mesmos. Sem nos darmos conta, nós os orientamos de acordo com expectativas, desejos, medos, e sobretudo de acordo com atitudes do nosso ser mais íntimo, uma ordenação interior. Em cada ato nosso, no exercê-lo, no compreendê-lo e no compreender-nos dentro dele, transparece a projeção de nossa ordem interior. Constitui uma maneira específica de focalizar e de interpretar os fenômenos, sempre em busca de significados (OSTROWER, 2009, p. 9).

A experiência do corpo artista para a construção dos fenômenos envolve a sensibilidade artística, a criação em arte. Todo modo de conhecer envolve a experiência, mas nem todos os corpos produzem arte. Percebe-se uma particularidade de construir conhecimento a partir do conceito de corpo artista; além de deter o embasamento teórico, é necessária a prática e sensibilidade na concepção do conteúdo artístico. O corpo que pesquisa/estuda também é o corpo artista que percebe a dimensão do lugar multissensorial, produzindo conhecimento nas várias linguagens.

De um modo natural os fenômenos se relacionam com as nossas experiências, as imagens perceptivas se apresentam no contexto cultural. Nesta dissertação a descrição do fenômeno acontece no que chamamos de relatos corpóreos, propostos neste trabalho com a intenção de oferecer à arte um estágio de se materializar sobre o urbano, com vivências em lugares estabelecidos. Nos relatos corpóreos temos a soma da linguagem visual e escrita, percebida pela ação, pelo movimento no lugar que se encontra em nós:

Num primeiro relance feito ao redor de nós, recebemos um informe sobre o verossímil das coisas. Antes dos detalhes, vem-nos a visão de um contexto geral, isto é, de um conjunto de possibilidades que supomos e em seguida verificamos. Como um processo sempre ativo, de inter-ação com o ambiente, perceber é, de certo modo, ir ao encontro do que no íntimo se quer perceber. Buscando as coisas e relacionando-as, procuramos vê-las orientadas em um máximo grau de coerência interna, pois que nessa coerência elas podem ser referidas por nós, podem ser vividas e tornar-se significativas (OSTROWER, 2009, p. 65).

---

<sup>24</sup> “Do mesmo modo que a percepção, a intuição é um processo dinâmico e ativo, uma participação atuante no meio ambiente. E um sair-de-si e um captar, uma busca de conteúdos significativos. Os processos de perceber e intuir são processos afins, tanto assim que não só o intuir está ligado ao perceber, como o próprio perceber talvez não seja senão um contínuo intuir” (OSTROWER, 2009, p. 66).

Quando Ostrower nos fala sobre como percebemos as coisas na interação com o ambiente, ela refere-se ao conceito de seletividade no estudo dos processos de criação. Ao compreender o que pretendo dizer sobre os relatos corpóreos, identifiquei nessas palavras a construção interna do envolvimento com o lugar e a seleção para relatar o essencial, e torná-lo significativo aos olhos de outros, numa postura de fundar a pesquisa numa atitude fenomenológica, no sentido de perceber a essência interna na captação e manifestação dos fenômenos.

Essa manifestação acontecerá também através da arte, que vem dar lugar àquilo que a linguagem escrita nem sempre consegue atingir. A arte impulsiona ao leitor/observador outro olhar, uma vez que permite um momento de contemplação e meditação. Existem três momentos únicos na leitura das expressões artísticas: a primeira relaciona-se ao que o artista estava pensando ao construir/criar a obra de arte; em segundo, o que o leitor/observador compreende e que sensações a obra de arte aflora no seu ser; a terceira, qual a relação da obra de arte com o tema proposto, o que realmente se quer transmitir no intuito que essas sensações perdurem no tempo.

Uma primeira hipótese [**da importância da arte para a sobrevivência humana e para os estudos do corpo**]<sup>25</sup> seria a de que são os pensamentos organizados pelo corpo artista que nascem com aptidão para desestabilizar outros arranjos, já organizados anteriormente, de modo a acionar o sistema límbico (o centro da vida) e promover o aparecimento de novas metáforas complexas no trânsito entre corpo e ambiente (GREINER, 2010, p. 109).

Assim, tem-se na arte um dos modos de tornar os lugares visíveis ao aflorar sensações difíceis de descrever tecnicamente. É possível que nossos olhos só identifiquem o superficial, que exista uma carência de sensações nas imagens da cidade. Rudolf Arnheim (2005), em seu estudo sobre arte e percepção visual, nos fala que muito se tem negligenciado em compreender as coisas pelos sentidos, o que resulta numa carência de ideais. Para ele, precisamos redescobrir significados no que vemos, um mergulho profundo nas experiências e no modo como são anotadas.

Em síntese, todo esse aparato possibilitou a conclusão de um primeiro conceito que explicasse o significado de corpo artista numa temática urbanística, numa possível leitura sensível da cidade. Definitivamente, considera-se que o corpo

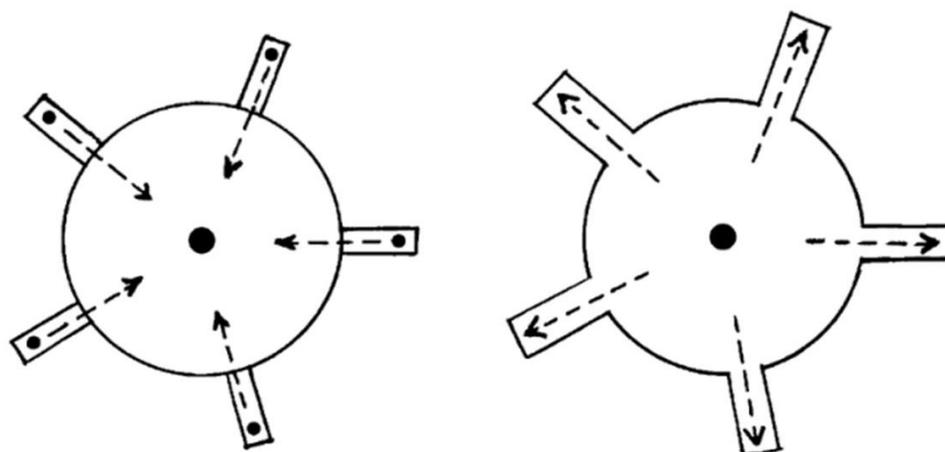
---

<sup>25</sup> Acréscimo nosso.

artista é o corpo da criação, o corpo ativo, que vivencia o lugar revelando seus significados mais íntimos. Suas capacidades perceptivas são conduzidas pela experiência. A arte é vista aqui como instigadora para registrar memórias e afetos, deixando gravada no tempo uma história contada pelas pessoas que vivenciam a cidade contemporânea, através dos relatos corpóreos.

Evidente que todo processo artístico é cercado por uma composição visual, no qual se organiza a percepção adquirida através de formas e cores<sup>26</sup>. Para Arnheim (2001), a composição pode ser definida a partir de dois princípios visuais que são formalizados a partir das experiências humanas, os sistemas, excêntrico e cêntrico (Figura 23). A composição visual permite o equilíbrio de uma determinada obra. Estamos falando aqui mais do que centros físicos, e, sim, centros perceptivos.

Figura 23 – Exemplificação de sistemas excêntrico e cêntrico de Rudolf Arnheim.



Fonte: Arnheim, 2001.

---

<sup>26</sup> Uma cor, ou uma composição colorida, pode significar algo diferente para cada pessoa que olha para ela. Poderíamos dizer que a cor não se forma apenas no olho, mas também no 'eu'. [...] Ele – Merleau-Ponty – defendia uma dinâmica de ver/visto na qual o ver é um duplo fenômeno: um encontro com o mundo e um encontro consigo mesmo (FRASER, 2012, p. 10).

Figura 24 – Capa do livro *O Poder do Centro* (versão espanhol) com demonstração do corpo humano e seus sistemas cêntrico e excêntrico. Ilustração *Universal Man* (1165), por Hildegarda de Bingen.



Fonte: Arnheim, 2011.

Os registros ilustrativos do corpo artista desta dissertação foram organizados por meio desses sistemas nas suas relações espaciais. Primeiramente, surge a centricidade no início do processo e, logo após, o centro primário é afetado por uma força exterior (pelos acontecimentos e sentimentos advindos das vivências). O observador tem que perceber intuitivamente o peso a ser conferido a cada acontecimento de modo a representá-lo coerentemente. Assim, o observador é o próprio centro, com todos seus sentidos e suas visões de mundo. Ao se movimentar, o centro muda de posição, e tudo o que está a sua volta, por conseguinte.

Um centro dinâmico está invariavelmente presente em qualquer campo visual. Pode estar explicitamente definido ou ser criado apenas indirectamente, por indução perceptiva. O sentido da visão estabelece-o intuitivamente (ARNHEIM, 2001, p. 32).

Essa experiência entre observador e objeto vai corresponder à interação espaço e tempo; a orientação espacial vai influenciar o modo como o objeto é observado, e também determinar sua composição artística. “O observador participa nesta *interacção* como um poderoso centro entre outros centros, pela maneira como apreende as coisas” (ARNHEIM, 2001, p. 77). O autor acredita que uma das ocupações humanas mais necessárias se refere à criação de objetos ou representações, pois estruturam as vivências humanas por meio da percepção.

A partir desses estudos, a primeira ilustração a se apresentar como parte deste trabalho representa o corpo artista, sua sensibilidade e relação com a subjetividade (Ver Figura 25). Seus diversos olhares na representação dos vários sentidos percebidos, suas cores inusitadas, aparentando a forma de um corpo que não segue os padrões estabelecidos aos nossos olhos físicos. Mãos que relatam vivências através da percepção, da experiência corporificada; pés, fincados na terra, nos relatando que o pensamento caminha pela intuição, contudo, a ação unida ao intelectual se amplifica, alcança o essencial descrevendo os fenômenos da cidade.

Figura 25 – Eis o corpo artista.



Fonte: Acervo nosso, 2019.

#### 4 RELATOS CORPÓREOS GARÇA-TORTENSES

“Foi nos meados dos anos 70, eu nasci em 72. Em 75, 76 eu já tinha uma noção do que era estar vivendo. ‘Aí’, em [19]77 por ‘aí’, começou uma invasão hippie, Garça Torta tem essa referência do paraíso porque era tudo aberto, a gente não tinha muro, não tinha cerca, a gente não tinha limites ‘né’. Eu criança [ficava] junto com meus primos, até os sete anos de idade, eu era filho único, todo mundo brincava aqui nessa beira de praia, livre, isento de violência, de drogas, não existia [drogas], existir, existia, mas era uma coisa muito restrita, muito fechada, a gente não tinha acesso. E a gente brincou de verdade, como criança de verdade, eu fui criança de verdade. Nesse paraíso, o quintal da minha casa [era] o mar. ‘Aí’ onde era o estacionamento hoje, foi onde cresci, me criei, a casa era um chalezinho, parecia uma casa de boneca. [...] algumas casas, uma ou outra, era que tinha um muro, mas um muro baixo, onde pelo menos você conseguia ver a fachada das casas. Porque naquela época não oferecia perigo ‘pra’ gente, todo mundo se conhecia, a maioria [era] família. Todo mundo aqui era família. [...] Guaxuma e Riacho Doce, evoluíram junto com Garça Torta. Guaxuma, Garça Torta e Riacho Doce era uma só família”.

Morador da Garça Torta

O depoimento acima nos inicia em outra atmosfera, nos conecta com o modo de vida garça-tortense<sup>27</sup> de outrora, e as desilusões do presente. Depoimento tão necessário para o mergulho no cotidiano complexo e conflituoso do bairro e, assim, compreender suas relações atuais. A partir dessas palavras, abriu-se o toque pelo olhar de Merleau-Ponty, o aprofundamento na subjetividade do ser, munida do embasamento teórico necessário e dos instrumentos de registros, comecei minhas andanças como moradora e pesquisadora.

Por um tempo, determinei me manter anônima para que os registros fossem autênticos e minha passagem despercebida. A estratégia não funcionou, uma vez

---

<sup>27</sup> Os antigos moradores do bairro se consideram garça-tortenses, costume que vem passando de geração em geração. Até mesmo as pessoas que moram há pouco tempo adotam o costume e se consideram nativos da região.

que, na Garça Torta, ser desconhecido não é uma opção. Logo, todos sabiam minhas intenções como pesquisadora e, de fato, esse conhecimento fez muita diferença nos registros. Manter relações como moradora foi determinante para alcançar algumas informações e ter a sensibilidade diante dos acontecimentos. Nesse sentido, começo minha jornada a partir da visão de minhas moradas no bairro.

#### 4.1 IDENTIFICANDO AS MORADIAS: UM OLHAR SOBRE O CAMPO DE PESQUISA

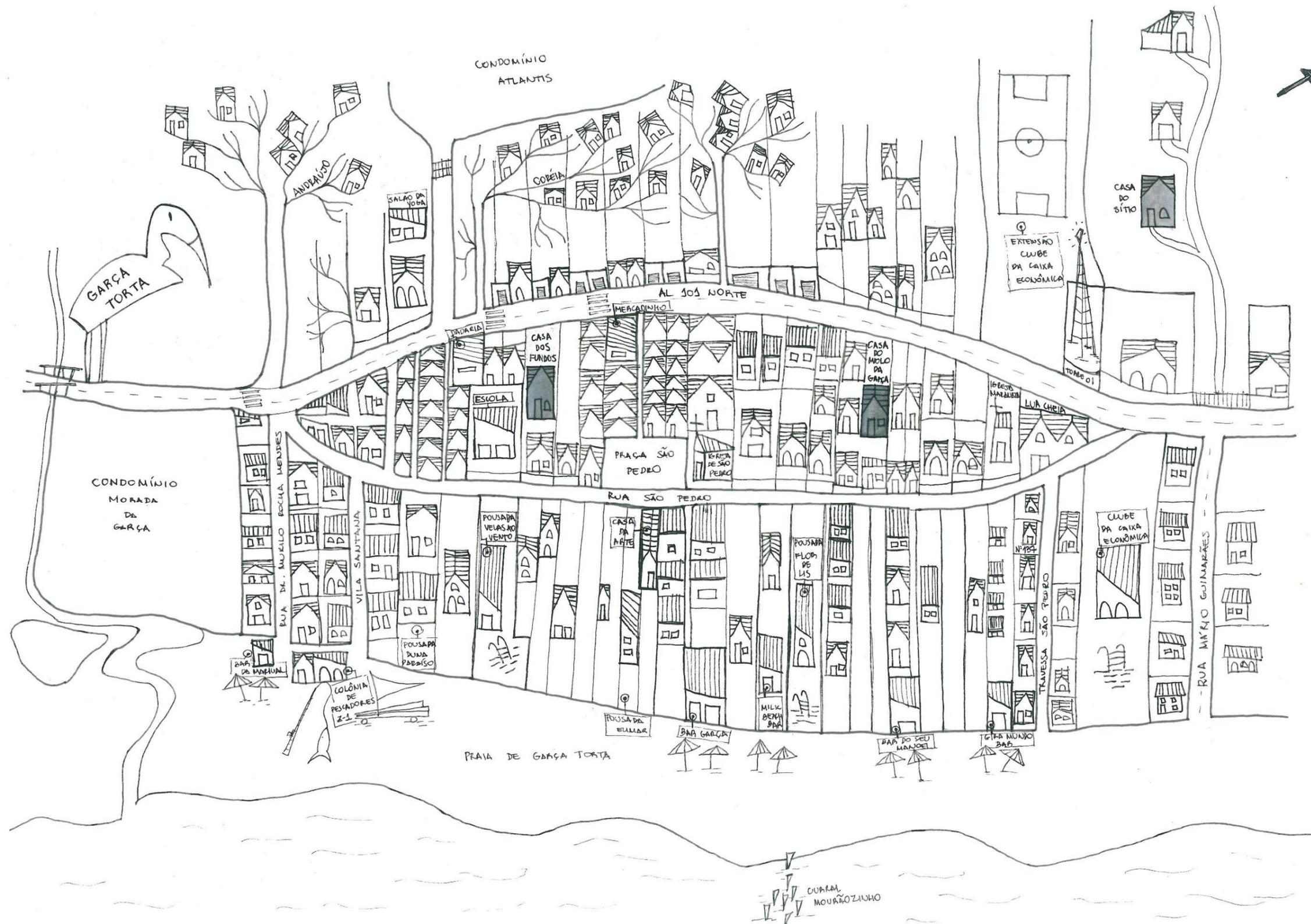
Para iniciar os relatos corpóreos ressaltarei as três moradias vivenciadas durante a pesquisa de campo. Por causa de suas localizações em três pontos diferentes do bairro, foi possível ter experiências e fazer conexões com ruas distintas, possibilitando a diversidade de caminhos percorridos e interlocuções com várias pessoas. As casas apresentam estruturas diferentes, mas não se trata tanto da sua tipologia, e sim das relações de convívio com o bairro, trazendo uma percepção mais ampliada dos modos de vida em cada vizinhança. Assim, o mais importante das casas são suas relações espaciais, sociais e temporais.

O mapa do bairro (ver Figura 26) foi construído de forma ilustrativa, e demonstra os principais pontos de encontro, comércios, ruas, becos e travessas, os condomínios existentes<sup>28</sup> e a identificação das três casas: *Casa dos Fundos*, *Casa do Sítio* e *Casa do Miolo da Garça*.

---

<sup>28</sup> O mapa ilustrativo apresenta os condomínios Morada da Garça e Atlantis como uma nítida negação ao próprio bairro. As casas não foram representadas, apenas o espaço que eles ocupam, porque essa expressão é a realidade para muitos moradores. Os condomínios não só têm dificuldade de dialogar com o tecido urbano, mas também não participam da vida cotidiana da Garça Torta.

Figura 26 – Mapa ilustrado da Garça Torta.



Fonte: Acervo nosso, 2020.

Os títulos das casas foram determinados a partir das vivências obtidas nos lugares e se constituíram desde o início da pesquisa na chegada em cada lugar, representando um pouco da essência de cada uma.

É importante compreender que alugar casa no bairro é estar pronta para a possibilidade de conviver com seus proprietários. Nas três casas que morei durante a pesquisa, fui praticamente vizinha de seus proprietários, raiz de proximidade e até de conflitos. Pois isso faz com que laços sejam construídos, e nem sempre positivos. Diferentemente de alugar um imóvel na cidade, cuja relação com os donos será meramente burocrática e tratada com alguma distância.

Figura 27 – Diferentes moradias na cidade: verticalização, condomínios fechados e comunidades/vilas. O distanciamento provocado a partir dos perfis socioeconômicos e interesses. A moradia na Garça Torta é vista como uma fuga para muitos.



Fonte: Acervo nosso, 2019.

Na Garça Torta, muitas vezes é preciso manter a relação inquilino e proprietário somada aos laços de vizinhança. Existem os dois lados, os proprietários que buscam por bons inquilinos, e os inquilinos que também precisam ter cautela na escolha das moradias devido às regras impostas pelos donos, que, possivelmente, estarão pela vizinhança.

### 4.1.1 Casa dos Fundos

A Casa dos Fundos, espaçosa e com uma arquitetura rústica, foi onde iniciei os relatos corpóreos e marcou a volta da cidade de Recife para Maceió, em janeiro de 2019. O nome surge espontaneamente por se localizar atrás de outra edificação no mesmo terreno, sendo necessário adentrar a área externa da primeira casa para acessá-la. A casa é localizada na Rua São Pedro, perto da praça São Pedro, de becos, da Casa da Arte, vizinha à escola estadual e a 50 metros da praia.

Foram três meses na casa, possibilitando perceber a dinâmica do espaço e a troca de palavras com alguns dos moradores próximos. Por ser mais isolada, o contato acontecia ao caminhar pela rua, às idas à praça ou à praia. Do ponto de localização da Casa dos Fundos em direção ao Sul, temos uma Garça mais obscura; neste trecho após a escola a Rua São Pedro não tem muita movimentação de pessoas, principalmente no período noturno.

Não era esperada uma temporada curta na casa, mas bastou a primeira chuva para os problemas aparecerem: infiltrações, fortes goteiras, rede elétrica prejudicada devido a problemas estruturais que afetavam a segurança, sendo necessária uma mudança repentina. A busca por outra casa me fez percorrer o bairro para encontrar um novo lar. Essa busca me conectou a diversas pessoas, e em poucos dias todos sabiam que “a menina da Casa dos Fundos estava procurando outro lar”. Mesmo depois de ter achado um lugar, por algum tempo ainda era parada nas ruas para ser alertada sobre casas disponíveis.

Encontrar uma casa para morar no bairro não é tão fácil, e dificilmente você encontrará nos classificados *on-line*. Para isso, é preciso utilizar o tradicional boca a boca, perguntar em cada canto a possibilidade, conversar com os proprietários, vizinhos. Algumas residências têm filas de espera. Outras são passadas de mão em mão, isto é, quem está saindo já deixa outra pessoa no seu lugar, como quem tivesse o direito de repassar a casa para algum conhecido (ver Figura 28).

Figura 28 – Casa de mão em mão.



Fonte: Acervo nosso, 2020.

Além disso, também não é fácil achar um lugar agradável e financeiramente rentável. Devido aos sinais de gentrificação, alguns proprietários passaram a cobrar valores altos por edificações que não apresentam fisicamente boas estruturas ou espaços amplos. E os valores continuam crescendo. Assim, existem valores discrepantes e a busca deve ser feita com cuidado. Vale salientar que esse aumento não diminui a procura das pessoas por imóveis no bairro, gerando um fortalecimento dessa atitude e intensificando a chegada de um novo perfil de moradores.

Morar no bairro também é ser um pouco corretor, e qualquer morador pode confirmar essa afirmação. As pessoas começam a perguntar sobre outras casas disponíveis, e o morar possibilita a chegada de outros conhecidos, transformando a vizinhança familiar. Com a ressalva de que os proprietários escolhem quem vai morar na casa a partir dos grupos de pessoas interessadas. Ter uma indicação é fundamental para ser o primeiro da fila. É preciso se enturmar, se mostrar uma boa pessoa e ter referências agradáveis a seu favor. Esse aparato se apresenta como uma possibilidade para os proprietários garantirem bons inquilinos, que não perturbem a “paz” e tenham um estilo de vida tranquilo. Isso porque, por ser um bairro praieiro, também chama a atenção de pessoas que querem alugar as casas para fazerem festas ou utilizá-las apenas como casas de veraneio, tornando os

finais de semanas e períodos de férias barulhentos<sup>29</sup>. No entanto, ter um pré-requisito nem sempre é garantia de boas escolhas.

#### **4.1.2 Casa do Sítio**

Foi assim que consegui passar uma temporada na Casa do Sítio, recanto de beleza e silêncio<sup>30</sup>. O sítio possui quatro casas com uma boa distância umas das outras; a proprietária mora em uma delas, e mantém duas casas desocupadas. O comentário é que existe um cansaço de ter inquilinos, por diversos incômodos causados anteriormente. É muito comum na Garça Torta os proprietários estarem insatisfeitos com os inquilinos, e a cada saída e entrada de novos nos imóveis, mais regras são estabelecidas.

Minha permanência no sítio durou dois meses, aluguei por temporada enquanto esperava desocupar alguma casa que atendesse minhas expectativas. Essa questão me possibilitou trabalhar o olhar de campo a partir das moradias. A saída imprevista da Casa dos Fundos, o aluguel por temporada na Casa do Sítio, somando à chegada de uma nova moradia, abriu caminhos para vivenciar o bairro através das várias perspectivas proporcionadas pelas moradas.

Apesar de localizada na Rodovia AL-101 Norte, a Casa do Sítio fica distante da pista, guardando cerca de cem metros entre o portão e a casa. A sensação era de estar em outra Garça Torta, acolhida por pássaros e árvores, que abafavam os ruídos de automóveis na rodovia. Uma paisagem visual e sonora que está prestes a mudar, quando o primeiro edifício vertical já aponta entre a vegetação e os sons da obra são trazidos pelo vento.

---

<sup>29</sup> De qualquer maneira, a Garça Torta se torna um pouco mais barulhenta e movimentada aos finais de semana por causa da praia, que possui estabelecimentos de lazer (bares, clube).

<sup>30</sup> Frases de outras pessoas relacionadas à Casa do Sítio: “um sítio na cidade”/“aqui você fica com as portas e janelas abertas, é tão difícil ficar tranquilo com tudo aberto hoje em dia”/“parece que você está fora da cidade, escuta-se as cigarras e se vê a natureza”.

Figura 29 - Paisagem modificada por edifício vertical em construção na orla marítima.



Fonte: Acervo nosso, 2019.

Por ser mais isolada fisicamente, a moradia causou certo distanciamento para o convívio social no bairro. Até o acesso à praia fica fora do alcance dos bares e principais pontos de encontros. De certa forma, a vivência na Casa do Sítio me conectou a um perfil de moradores aquém dos acontecimentos cotidianos do bairro. São moradores conhecidos por todos, mas permanecem recolhidos em seus recantos discretos, e têm na moradia esse refúgio do barulho e caos da vida urbana. Mesmo sendo participantes de alguns eventos, têm sua vida privada recolhida aos seus muros.

#### **4.1.3 Casa do Miolo da Garça**

Meu retorno à Rua São Pedro se deu através da Casa do Miolo da Garça, localizada num tipo de vila informal, cujo terreno abrange mais quatro casas. Essa tipologia de moradia é muito comum no bairro, algumas são construídas propositalmente para serem vilas, outras acontecem espontaneamente.

Figura 30 – Árvore genealógica das famílias garça-tortenses.



Fonte: Acervo nosso, 2019.

O Miolo da Garça é considerado o coração do bairro para os moradores desse perímetro. É formado por famílias antigas e inquilinos escolhidos criteriosamente. Esse reduto é composto praticamente por duas famílias cuja árvore genealógica parece se expandir nos terrenos (ver Figura 30). Assim que cheguei, descobri que estava no Miolo da Garça e que poucos forasteiros adentravam esse

lugar<sup>31</sup>. A partir disso, percebi que toda a pesquisa mudaria seu rumo pela riqueza que seria o campo. Morar nessa casa trouxe o sentimento de fazer parte de uma vizinhança, de ir além do espaço privado. Abrir as portas de casa significava estar aberta a conversas e cumprimentos de outros moradores.

Uma boa vizinhança urbana consegue um equilíbrio entre a determinação das pessoas de ter um mínimo de privacidade e seu desejo concomitante de poder variar os graus de contato, prazer e auxílio mantidos com as pessoas que as rodeiam. Esse equilíbrio é em grande parte constituído de pequenos detalhes manejados com sensibilidade e praticados de maneira tão informal que normalmente nem são percebidos.

No entanto, ter fortes laços de vizinhança reflete também em muitos conflitos. Tratar bem o outro parece andar em uma linha tênue com o que incomoda, e alerta sobre a ausência de intimidade e privacidade. Cada residência é a representação de uma família, de um modo de vida, cada grupo tem seus limites e preocupações. A proximidade do convívio social corre riscos de perpassar pelo desrespeito à individualidade de cada ser. A ilustração da Figura 31 se refere a esse momento da quebra de privacidade, quando nos sentimos invadidos pela interferência de outros modos de vida. Tudo que sai da boca do outro pode vir em formato de agressão, julgamentos ou boatos. Pode chegar diretamente ou indiretamente à pessoa atingida.

A Casa do Miolo da Garça foi uma conexão com esses laços de vizinhança, representou a perda da privacidade, momento no qual todos começam a saber sobre seu modo de vida, e de certa forma lançam olhares e julgamentos, positivos ou negativos. Isto quer dizer que, muitas vezes, nem os limites físicos permitem um distanciamento saudável. No Miolo da Garça os limites são invisíveis. No entanto, ao mesmo tempo, alguns estão dispostos a auxiliar, a ter boas conversas no fim de tarde, a guardar a chave para vizinhos enquanto alguns viajam, como um cuidado particular com a casa do outro. Alguns se aproximam, outros se distanciam, laços são rompidos, outros fortalecidos.

---

<sup>31</sup> Minha chegada não foi tão fácil, moradores antigos me indicaram aos proprietários e alguns vizinhos do Miolo da Garça interviram a meu favor.

Figura 31 – Agressões físicas e psicológicas à privacidade/intimidade do outro. O seu direito termina quando inicia o direito do outro?



Fonte: Acervo nosso, 2019.

Em comparativo com outras casas, percebe-se que os laços de vizinhança mais intensos e que interferem diretamente num modo de vida são um traço das pessoas menos abastadas do bairro, com suas residências mais simples e

aglomeradas num espaço menor, lotes que se agrupam com várias casas, alguns ditos como comunidades, outros apenas moradores que optaram em morar em lugares considerados vilas. Com muros ou sem muros, as relações são mais abertas e parecem ter ações vigiadas.

O que se reflete sobre essa opção de moradia perpassa sobre o conceito de empatia, que não acontece de forma efetiva, e sim, somente, quando os interesses de ambas as partes são favoráveis; a partir do momento em que há discordância, se transforma numa espécie de desconforto.

Os conflitos de vizinhança são mais perceptíveis no Miolo da Garça, talvez por ter em sua maioria moradores antigos, sendo algumas das famílias parte do núcleo originário do bairro, que parecem acumular ressentimentos. Recentemente, o período de eleição ocorrido no ano de 2017 foi um divisor de águas entre os moradores, muitos permanecem sem se comunicar<sup>32</sup>. Com a minha chegada no Miolo, todos já queriam saber minha posição política, religiosa, profissão, o que determinaria de que lado estaria nas discussões e engajamento para melhorias.

Os casos de violência também ficaram mais visíveis com a morada no Miolo da Garça, pois mesmo sem presenciá-los, os comentários dos fatos ocorriam nas conversas casuais com os vizinhos. Assaltos a pedestres, furtos em carros estacionados na Rua São Pedro e Travessa São Pedro, roubos em casas, violência às mulheres na faixa de praia, os vários alertas com os períodos noturnos<sup>33</sup>. As pessoas estão mais assustadas, a imagem de uma Garça tranquila ficou guardada junto com suas “histórias de pescador”.

Em março de 2018 aconteceu uma importante intervenção urbana nas orlas marítimas de Riacho Doce, Garça Torta e Guaxuma, realizada pelo Coletivo Feminista de Intervenção Urbana Severinas, contra os abusos sofridos por mulheres na praia.

---

<sup>32</sup> Uma das vizinhas chegou em casa no período noturno e encontrou algumas madeiras pegando fogo no portão de sua casa. Logo no outro dia, afirmou que foi gente de má-fé. No mesmo momento se declarou de religião afrodescendente e que algumas pessoas tinham preconceito com sua crença, e não aceitavam seu bem-estar. Outra vizinha mantinha em seu portão uma placa com os dizeres “Rua Marielle Franco”, como um ato político perante o assassinato da vereadora, em 2018, ainda sem resolução. Sua placa foi pichada algumas vezes.

<sup>33</sup> Recentemente, a Pizzaria Inácio's, localizada na Rodovia AL-101 Norte, sofreu assalto à mão armada.



Figura 33 – De olhos fechados para o que não me atinge.



Fonte: Acervo nosso, 2019.

A ilustração da Figura 33 mostra esse contraste das violências ocorridas no bairro. Quando acontece, ninguém viu, ouviu, somente ficam sabendo dos ocorridos. Os olhos fechados das casas representam as pessoas que não se sentem na condição de intervir nas situações geradas pela violência, seja por desconforto, insegurança ou medo.

#### 4.2 RUA SÃO PEDRO E ENTORNO

São Pedro, padroeiro dos pescadores e das viúvas, é presente na Garça Torta. A principal rua do bairro carrega seu nome; travessas, a praça que foi construída por seus moradores<sup>34</sup> e a Igreja Católica, também. Boa parte da população é devota de São Pedro. Todos os anos, no mês de junho, o santo é homenageado com missa, procissão e festa. Na procissão, a imagem é carregada

<sup>34</sup> Oficialmente chamado de Largo São Pedro, foi construído espontaneamente pela população em terreno privado, e cedido ao espaço público com o passar dos anos.

por uma embarcação marítima, para agradecer a proteção e as graças alcançadas. São Pedro era pescador, o que indica a familiaridade de muitos moradores que se consideram protegidos pelo santo, principalmente quando estão em alto-mar, mantendo a tradição de louvá-lo.

Figura 34 - Fim de missa e início da procissão de São Pedro.



Fonte: Casa da Arte, 2019.

Figura 35 - Procissão de São Pedro pela Rodovia AL-101 Norte.



Fonte: Amanda Santos, 2018.

Em conversa pela praça, uma senhora comentou que seu pai era pescador da região, assim como seu marido, e que todos os seus filhos mantiveram o mesmo trabalho e compromisso com a pesca. É muito comum laços afetivos de relacionamentos amorosos serem encontrados no próprio bairro, muitas são as histórias de pessoas que encontraram seus companheiros ou companheiras pela vizinhança. A Garça continua palco de encontros afetivos; no entanto, o aumento populacional e a vinda de turistas geram novas possibilidades e caminhos.

A Figura 36, é uma ilustração que formaliza a imagem de uniões afetivas e concretizadas no bairro, através das muitas histórias de casais. Como seus encontros aconteceram, a chegada dos filhos, o cotidiano na Garça. Porém, os filhos vivem histórias diferentes. Novos sonhos são estabelecidos na era da globalização, com o alcance da informação que não impõe barreiras ao conhecimento.

Figura 36 – Laços afetivos no bairro de Garça Torta.



Fonte: Acervo nosso, 2019.

A Rua São Pedro era parte dos terrenos dos primeiros moradores da beira de praia, que se subdividiram entre os familiares. Essas subdivisões acabaram criando caminhos de passagens e o surgimento espontâneo da rua, que hoje faz ligações com becos, travessas e a própria Rodovia AL-101 Norte. Os becos aproximam casas

e tornam o espaço mais intimista. Acessar os becos leva quase a uma sensação de estar adentrando o espaço do outro. Por este motivo, o único beco em que manteve passagem constante foi o da Praça São Pedro, que leva ao Mercadinho Santa Tereza (único do bairro), à Associação de Moradores e à rodovia.

Figura 37 - Becos.



Fonte: Acervo nosso, 2019.

A Associação de Moradores da Garça Torta (AMGT) não tem forte influência no bairro, é composta em sua maioria por moradores de baixa renda e, apesar de reuniões para se discutir as transformações urbanas e sociais, as ideias mais cativantes surgem de pessoas não nativas e existe uma crença de que poderia envolver certos interesses políticos, causando o afastamento de alguns associados que não são a favor do partidarismo. Todas as vezes que passei pela AMGT, o local encontrava-se fechado, sem movimentação.

Além da Associação, outro movimento importante do bairro foi o Abraça a Garça, formado em 2014, composto por moradores de renda um pouco mais elevada e alguns frequentadores do litoral norte, que se preocupavam com as

questões de desenvolvimento urbano, incentivando a participação ativa e democrática para as decisões de se pensar o bairro e sua carência de infraestrutura. Uma das maiores preocupações era a revisão do Plano Diretor de Maceió, que até o momento atual não foi concluído, dando margem para o crescimento da verticalização no bairro. O Abraço a Garça está com atividades suspensas desde 2018, devido a divisões políticas no grupo. Em 2019 houve tentativas de retorno.

Figura 38 – O corpo que sustenta a coletividade.



Fonte: Acervo nosso, 2019.

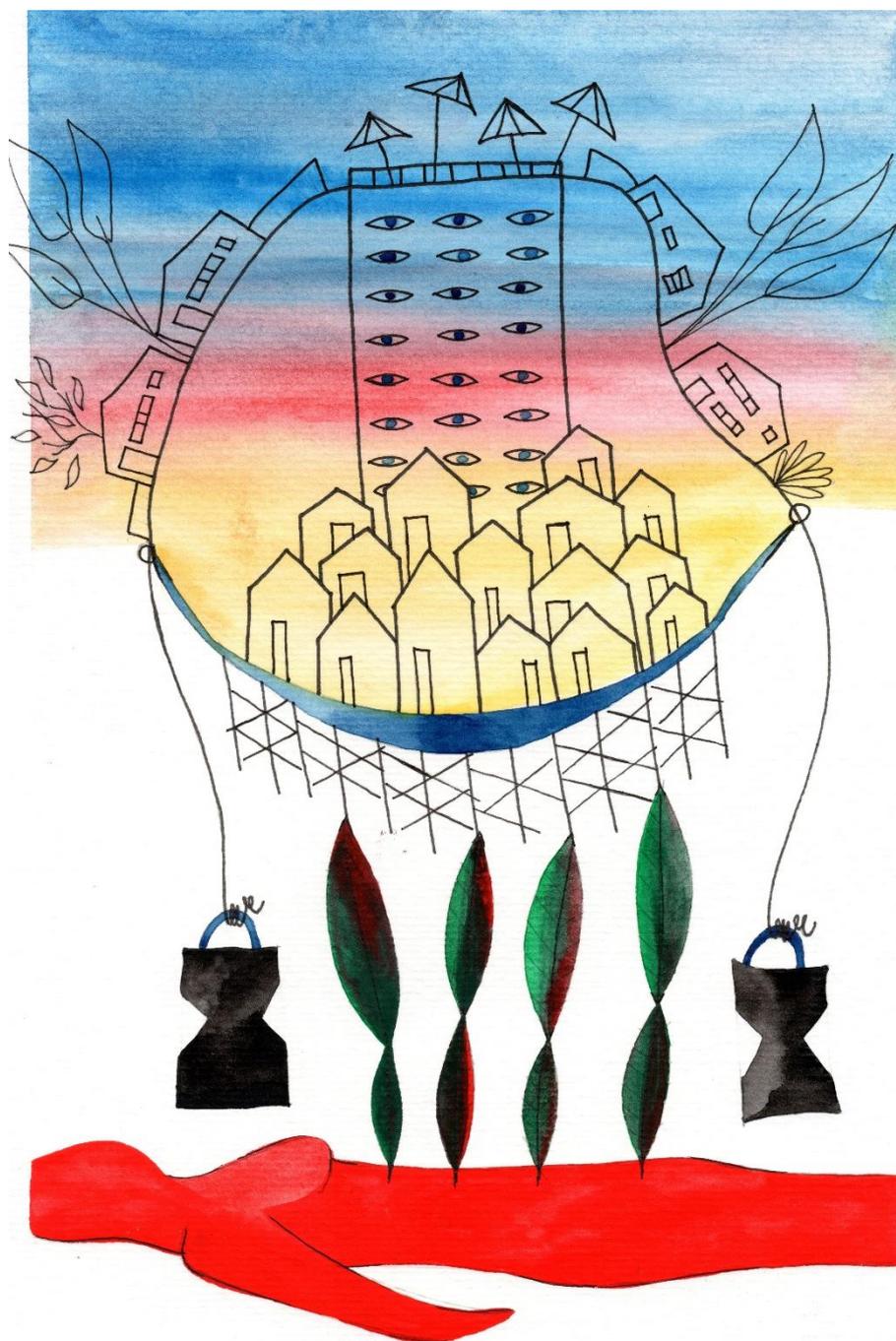
Muitos moradores alegam a falta de interesse das pessoas de buscarem por melhorias no bairro, as soluções pontuais e individuais são comuns e os distanciam cada vez mais das causas coletivas. A impressão passada pelos moradores mais ativos, pelo tempo que permaneci, reflete a ideia de que poucos se importam e tendem a se sobrecarregar com as demandas. Essa impressão foi ressaltada na ilustração da Figura 38, em que um corpo sustenta várias casas e suas famílias nas causas coletivas da Garça Torta. Esse corpo pode ser uma organização, um grupo de moradores, um único morador, pode ser toda e qualquer ação que vai em busca de melhorias para a coletividade.

É comum ocorrerem protestos na rodovia quando as situações atingem graus enormes de insatisfação. No período da pesquisa de campo presenciei alguns, que foram organizados por grupos isolados de pessoas. Protestos contra o aumento da passagem de transporte público, falta de água (por muitas vezes os moradores ficam meses sem abastecimento de água, o que os obriga a instalarem em suas casas algum sistema individual para obtenção de água, como poço cartesiano, cisterna), galeria de esgoto aberta por meses na ponte de Guaxuma, acidentes no trânsito que levam a atropelamentos e morte de pessoas na rodovia<sup>35</sup>, extinção de transporte público para alguns destinos da cidade (como a linha Ufal/Ipioca, que desde 2018 passou a circular apenas uma vez no horário da manhã, prejudicando aqueles que dependiam do transporte). Já circulou também pelo bairro abaixo-assinados contra o calçamento da Rua São Pedro. A contrariedade do calçamento se justifica pelo tipo de material proposto (manta asfáltica) e ao risco de ser executado sem o devido esgotamento sanitário. O calçamento da rua é muito incentivado por alguns empreendimentos comerciais que pressionam a prefeitura de Maceió. Ainda em 2019 foi aprovado o projeto para o calçamento, sem a participação dos moradores.

---

<sup>35</sup> Em janeiro de 2020 uma criança foi atropelada na rodovia, chegando a óbito.

Figura 39 – Dois pesos, duas medidas.



Fonte: Acervo nosso, 2019.

Sentir na “pele”<sup>36</sup> os problemas do cotidiano do morador, principalmente do menos favorecido, nos conecta com as mudanças que vêm ocorrendo com o bairro (ver Figura 39), como os grandes investimentos do setor imobiliário na verticalização e da prefeitura, que começa a oferecer as condições para que esse setor cresça na

<sup>36</sup> Durante minha estadia na Casa do Miolo da Garça tive grandes inconvenientes com a falta de água. Por se tratar de uma casa mais simples, possuía apenas uma caixa d’água para meu abastecimento, tendo que, por vezes, sair em busca de outras soluções imediatas.

região. Como ficará o abastecimento de água e energia, que já são precários<sup>37</sup>, com a chegada dessas edificações, são as perguntas mais comuns entre os moradores<sup>38</sup>. Além da preocupação com a riqueza natural, pois o bairro não é contemplado com esgotamento sanitário, cabendo aos proprietários a responsabilidade.

Figura 40 - Esgoto ao ar livre na Rua São Pedro, episódio corriqueiro. Em dias de chuva, o esgoto se mistura com a lama.



Fonte: Acervo nosso, 2019.

Entretanto, nem só de acontecimentos negativos vive a Rua São Pedro. Muitas manifestações culturais fazem parte do roteiro do bairro. A Casa da Arte, o terreno do Titio<sup>39</sup>, a Praça São Pedro recebem eventos anuais e periódicos que se estendem à rua. Em 2019 participei de alguns deles, como as festas no período junino, oferecidas pela Prefeitura de Maceió e a AMGT; o Festival de Artes Cênicas de Alagoas (Festal), que manteve algumas atividades para a comunidade, como oficinas, saraus, peças teatrais; e também ocorreram cineclubes na praça. Além disso, os moradores tradicionalmente movimentam blocos de carnaval, os festejos de Cosme e Damião, o bingo na praça, o desfile da banda da escola. Entre esses, alguns eventos se estendem à faixa de praia, como os blocos carnavalescos (Submarino da Garça, Com coentro tudo é bom).

<sup>37</sup> Os problemas com o abastecimento de água e energia no bairro triplicam no verão.

<sup>38</sup> Vale ressaltar que edificações verticais no bairro de Guaxuma que já estão em funcionamento recebem carros-pipa semanalmente devido à escassez de água, a fim de manter o abastecimento dos edifícios.

<sup>39</sup> Titio foi pescador e é um personagem muito conhecido na Garça Torta. Hoje, seus filhos administram o Bar Garça.

Figura 41 - Bloco Vai Quem Quer nas prévias carnavalescas.



Fonte: Acervo nosso, 2019.

Dito isso, nada mais justo que acessar a faixa de praia, onde todos se encontram, se misturam e apresentam o interesse comum de preservar o paraíso. A praia é um sinônimo de liberdade, é o lazer proporcionado igualmente a todos, seja qual for sua cor, raça, credo e suas condições financeiras. A praia está para todos que quiserem acessá-la.

#### 4.3 VOU LÁ NO MAR: A FAIXA DE PRAIA

A faixa de praia é beirada por alguma vegetação, como os coqueiros e a salsa-de-praia, os muros e edificações, sendo estes residências, bares e

restaurantes, pousadas, comércio de estacionamentos, a Colônia de Pescadores e o Clube da Caixa Econômica (rever Figura - Mapa ilustrado da Garça Torta).

Figura 42 - Faixa de praia aos fins de semana.



Fonte: Acervo nosso, 2019.

Morar perto do mar parece uma condição para alcançá-lo a todo momento. Ainda assim, era possível ficar dias sem ir ao mar, apesar de estar tão perto. Só em escutar as ondas do mar de casa, o ambiente é envolvido por uma calma. O mar faz parte da vida de todos do bairro, assim como as fases da lua que envolvem as marés, que guiam os pescadores, surfistas e banhistas. Lua cheia e lua nova são sinônimos de fartura, de maré zerada, quando se forma a paisagem natural mais paradisíaca da Garça Torta, com todas as pedras à vista e piscinas naturais. As luas minguante e crescente apresentam o que chamam de “maré morta”, o mar nem seca tanto nem enche muito. Assim, qualquer morador que se diz garça-tortense acompanha a tábua da maré diariamente, pois determinará os horários propícios para as atividades junto ao mar.

A lua cheia tem seus encantos no bairro, é admirada, sua influência é notória, se faz presente nos detalhes. Certa vez, ouvi histórias sobre nascimentos feitos por uma parteira, “nasci virada para lua cheia na beira-mar”. Todas as histórias ganham mais força quando acontecem nessa fase da lua, tudo é motivo para ressaltá-la. Elas representam as noites mais claras, em que as pessoas ficam até mais tarde na praia, fazem luau, se reúnem com amigos e familiares. As noites de lua cheia no

verão são as mais calorosas e instigantes para os encontros com outros e consigo mesmo. As bênçãos trazidas pela lua acometem a todos do bairro (ver Figura 43). É uma força da natureza que determina o cotidiano dos moradores de uma maneira geral.

Figura 43 – Lua cheia e marés, influência nos acontecimentos cotidianos.



Fonte: Acervo nosso, 2019.

Mas nem somente a lua tem seu prestígio no bairro praieiro, o sol é a estrela radiante que ilumina a praia, aquece os corpos e nos dá uma visão completa das

belezas naturais proporcionadas pelo mar (ver Figura 44). Dia de sol é dia de praia na cidade de Maceió, principalmente aos finais de semanas. Na Garça, dia de sol é dia de encontro com os moradores, marcados ou casuais, isso é quase inevitável, também com outros conhecidos que frequentam a praia. Dia de sol com maré baixa, é encontro certo. Esses encontros provocados pelo mar criam laços de vizinhança, tornam as pessoas conhecidas, é fácil diferenciar os moradores dos outros frequentadores.

Figura 44 – Dia de sol, energização.



Fonte: Acervo nosso, 2019.

Os moradores também se reconhecem nas causas do bairro, sabem quem age corretamente e quem tem caráter duvidoso. As notícias se espalham rápido. No período eleitoral, já citado, os conflitos se tornaram gritantes, eleitores do presidente atual *versus* os que não apoiavam sua candidatura. Esse episódio foi tão forte que sua repercussão ainda hoje abala as estruturas do lugar. Um caso particular muito marcante foi o boicote de moradores a bares/restaurantes na beira da praia que se colocaram a favor de candidatos de extrema direita, que incitaram a violência. Esse boicote se espalhou por não moradores, que, por sua vez, deixaram de frequentar tais lugares.

Outro ponto de conflito é a modificação da paisagem em detrimento da retirada de currais, ocorrida no mês de outubro, exigida pelo Instituto do Meio Ambiente de Alagoas (IMA), permanecendo apenas o curral Mourãozinho, único ainda utilizado para fins pesqueiros, que foi mantido após acordo com o IMA. Para alguns moradores, a imagem foi impactante, por considerarem os currais como um elemento paisagístico importante na região, que conta a história do bairro e lembra a todos que os pescadores fazem parte do lugar.

Figura 45 - Família aproveitando a praia, pescador e curral Mourãozinho.



Fonte: Acervo nosso, 2019.

A retirada dos currais foi motivo de surpresa, a primeira imagem formada era mais do que uma paisagem construída, considerado um instrumento de base de sustento de muitas famílias que dependem da pesca. A visão se transformou quando, em conversa com pescador da região, proprietário do único curral ativo, afirma que os currais já estavam inativos há alguns anos, por terem uma manutenção difícil e não renderem muito na pesca como antigamente. Inclusive, alegou que não muito distante o curral Mourãozinho também ficará desativado.

Então, na Figura 46, a ilustração mostra que apesar da retirada de muitos currais, prevalece uma forte imagem da relação pesqueira com a história do bairro. Cada tronco fincado no mar para a formação do curral foi representado pelos pescadores, por famílias que utilizam a pesca e o mar para sua sobrevivência. As descidas ao mar representam a cotidianidade enraizada, o manejo de pesca que segue para os restaurantes e mercearias, e, também, aqueles que vendem seus produtos para os banhistas.

Figura 46 – Curral e modos de sobrevivência. Modos de vida representados pela praia.



Fonte: Acervo nosso, 2019.

Mas, vale também ressaltar que nem só de pescadores vive a praia, há os que vendem amendoim, ovo de codorna, as famosas cocadas e bolos de macaxeira, milho, pé-de-moleque, broa. Tem muita riqueza na gastronomia do bairro, feita pelas mãos daqueles que mantêm as tradições vivas e as oferecem aos forasteiros.

#### 4.4 O QUE OS RELATOS CORPÓREOS NOS MOSTRAM: PREDICADOS DE UM MODO DE VIDA GARÇA-TORTENSE

Nesse momento, será discutido como os relatos corpóreos podem contribuir para uma análise mais aprofundada sobre as questões da cidade e as especificidades de cada lugar.

Pesquisar a Garça Torta através do corpo artista trouxe uma realidade além dos olhos físicos, a percepção afluída e injetada nos papéis fez novas leituras nascerem. Ao reavaliar os registros gráficos, havia muito a ser percebido naquelas ilustrações: vínculos, afetos, conflitos, cargas e sobrecargas. Todo o processo construtivo, do perceber, registrar, contemplar e voltar a perceber levou a caminhos e reflexões distintas. Atentar ao curral, por exemplo, numa imagem fotográfica, nos dá noção de como ele se conforma na paisagem, o tipo de material construtivo, etc.; mas, a ilustração narra as suas relações envolvidas na paisagem, os pescadores e suas famílias, a sobrevivência, representa um modo de vida e o que o avanço da gentrificação pode atingir drasticamente.

As cores, os formatos, os corpos utilizados nas ilustrações fizeram parte de um estudo, de uma busca por uma forma de relatar as experiências empaticamente. Apesar de os desenhos serem feitos inicialmente numa paleta monocromática, a Garça Torta possui muitas cores em seu cotidiano. Os corpos, por vezes incompletos, coloridos, com elementos figurativos, foram propositais para assumir uma identidade perceptiva; estes corpos construídos não são aqueles que somos, que estamos acostumados a ver e lidar, é o corpo dentro de nós, que se adapta e se estrutura a partir de nossa leitura de mundo, e que muito tem a mostrar sobre os modos de vida das cidades, incitando outras reflexões acerca da cotidianidade.

O diário gráfico foi composto de diversos tipos de desenhos, produzidos a lápis, nanquim, canetas, e compõe o retrato de uma pesquisadora envolvida com seu objeto de estudo. Para formar o capítulo de exposição sobre os relatos corpóreos foram escolhidas algumas ilustrações consideradas mais marcantes e que narraram episódios constantes no bairro. Essas ilustrações saíram do contorno e se somaram às cores, utilizando-se da técnica de aquarela<sup>40</sup>, escolhida devido a sua relação com a água, esse elemento tão importante no bairro.

---

<sup>40</sup> Vale ressaltar que não houve mudanças do desenho inicial no acréscimo da pintura, e que as cores foram determinadas desde sua captação no registro de campo.

Evidente que a construção dos relatos corpóreos somente foi possível com o embasamento teórico necessário, que serviu de aporte para a pesquisa de campo, desde o entendimento do corpo no decorrer do tempo, onde Sennett (2012, 2013, 2016) teve sua importante contribuição, até a definição do corpo artista, como um modo de conhecer e revelar a realidade subjetiva dos lugares. Isso fez com que a experiência se tornasse mais intensa, e deu margem para que o fenômeno perceptivo-imaginativo acontecesse sem barreiras objetivas.

Evidente que precisou haver um treinamento nesse novo olhar para a realidade, para estimular uma compreensão através desse tema-conceito, que foi trazido a partir do conhecimento sobre corpo e percepção de Merleau-Ponty (1999, 2014), com um devido aprofundamento de Greiner (2005, 2010) nos estudos do corpo, corpo artista e corpomídia; e Agamben (2009, 2017), que nos conecta na percepção sobre os modos de vida, e tantos outros que se somaram para construir um método subjetivo da realidade intrínseca.

Os teóricos da arte se apresentaram necessários no decorrer da pesquisa, o tema-conceito pedia, ou melhor, exigia uma configuração da forma e o significado de percepção a partir do estudo da arte. Assim, tomar como referência Arheim (2001, 2005, 2011) e Ostrower (2009) complementou e facilitou a composição na prática das ilustrações e em seus significados, e no bom uso da intuição.

A união de todos esses teóricos nesta dissertação somente foi possível devido a um fator comum entre eles: a experiência. Todos utilizam a experiência como modo de compreender e conhecer a realidade, o cotidiano, as ações sobre os lugares. E o conceito de corpo artista só poderia ser utilizado a partir da experiência. Até mesmo as definições de espaço, tempo e lugar, foram determinadas a partir da experiência. Outro denominador comum importante foi o conceito de empatia, por muitas vezes era citado pelos autores e tornava suas conexões visíveis nas leituras e no campo.

Desse modo, os relatos corpóreos foram embasados a partir da experiência do corpo artista numa entrega profunda ao cotidiano do bairro. Como moradora, o envolvimento com as questões corriqueiras, os problemas urbanos, as atividades de lazer, as manifestações culturais tiveram outro impacto nas reflexões sobre o que verdadeiramente a Garça Torta representa. Afinal de contas, o bairro foi pesquisado como “lugar” e suas afetações ocorreram diretamente aqueles que terão de lidar cotidianamente com as mudanças e progressos propostos pelo mercado imobiliário,

município e Estado. Afetações que já estão acontecendo, perceptíveis nos novos empreendimentos comerciais e de serviços que têm chegado no bairro, e junto com eles a vontade de mudança na infraestrutura, para trazer mais conforto ao turista, para garantir mais compradores para os novos investimentos das construtoras em seus edifícios verticais de vinte pavimentos na beira-mar.

Melhorar a infraestrutura na Garça Torta é devidamente importante e necessário, mas o olhar deve se voltar para os benefícios trazidos a todos os moradores, principalmente com um olhar especial às comunidades pesqueiras e tradicionais, e não atender apenas a uma nova demanda de especulação.

Figura 47 – “A garça é torta mas pode ser limpa. Faça a sua parte”. Placa no muro de residencial na Rua São Pedro.



Fonte: Acervo nosso, 2019.

“A Garça é torta, mas pode ser limpa”. Através dessas palavras podemos parafrasear algumas traduções possíveis. O intuito da placa se refere ao lixo do bairro, que muitas vezes é depositado nas ruas de forma imprópria, atraindo maus odores, poluição e proliferação de bichos peçonhentos, e até mesmo de porcos selvagens<sup>41</sup>. Entretanto, trazendo essa frase para o contexto apresentado nos relatos corpóreos, podemos fazer uma correlação sobre a onda de modificações e a chegada de um perfil mais elitizado no bairro devido à especulação imobiliária, mas que ainda há tempo para frear algumas ações, no sentido de diminuir os impactos da gentrificação.

<sup>41</sup> É muito comum na Garça Torta a presença de porcos pelas ruas, inclusive pela rodovia.

Ainda, acompanhar essas transformações urbanas como moradora, me fez perceber que a Garça começa a perder seu encanto de lugar bucólico, de refúgio do caos da cidade. Muitos moradores comentam que essas mudanças já começaram a provocar desconfortos, apresentados na insegurança; na intensificação dos conflitos de interesses entre os vizinhos; no aumento de preços dos aluguéis sem nenhum acréscimo de benefício para o inquilino que os justifique; os bares e restaurantes, que passam a se preocupar mais com o conforto do cliente forasteiro e, ao melhorarem seus serviços, concomitantemente, encarecem seu cardápio. Alguns bares deixam de ser frequentado por quem mora, o aumento de valores também é comentado pela vizinhança, assim como o perfil do novo público. A elitização de alguns bares reforça a chegada desse outro público na praia, bem diferente daqueles hippies da década de 70.

Figura 48 – “Você está a 2 minutos da nova beira-mar de Maceió”. Placa com anúncio de construtora sobre novo edifício vertical.



Fonte: Amanda Santos, 2018.

Os anos recentes foram uma descoberta sobre a praia de Garça Torta para muitos. O que antes era escondido ou frequentado por um público alternativo passou a se difundir, é notório que sua valorização no roteiro turístico e nos finais de

semana do maceioense se intensificaram junto ao interesse especulativo no bairro e à duplicação da rodovia AL-101 Norte. Como o trânsito da rodovia sempre foi um empecilho para acessar o litoral norte, a duplicação é o fator primordial para uma eficaz ocupação das praias e para atrair novos moradores.

Figura 49 – Praia de Garça Torta na maré baixa. Pescador e curral Mourãozinho.



Fonte: Acervo nosso, 2019.

É comum entre alguns moradores a vontade de, num futuro próximo, se mudarem para outros bairros menos urbanizados do litoral norte, como Ipioca, e, até mesmo, para a cidade de Paripueira (próximo município alagoano após Ipioca). Como se quisessem procurar o refúgio em outros locais, pois a especulação imobiliária acordou para as maravilhas da Garça Torta, sem se preocupar com sua história, seu perfil de moradores, sua biodiversidade e natureza.



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: EM MEIO ÀS FRESTAS PARA O MAR

Era uma porta aberta para o mar, hoje começam a se formar frestas para o acesso à orla marítima, frestas invisíveis e visíveis. A Garça Torta que parecia tão livre e espontânea, lugar dos encontros da diversidade está, na verdade, acumulada em conflitos e mudanças constantes que atinge drasticamente a todos que usufruem de seus espaços, moradores ou não.

Antes de considerar a moradia na praia da Garça Torta, existia uma imagem da vida “perfeita” construída no meu imaginário com relação ao bairro, com seu ar pitoresco, de uma comunidade pesqueira ativa, residência de professores universitários, artistas visuais, músicos, pessoas que parecem buscar um refúgio da cidade na própria cidade. Além disso, um lugar procurado pelos que não moram, para desfrutar prazeres da vida, se conectar com a natureza e reencontrar aqueles que se assemelham ao seu perfil. Muitos ainda pensam a Garça dessa forma, mas, ao morar no bairro, percebe-se as nuances escondidas por trás de toda magia aplicada aos visitantes.

O morar nos conecta aos conflitos do bairro, laços de vizinhança repartidos, brigas familiares, alguns buscam a manutenção e preservação do bairro, outros querem o dito “progresso”: ruas asfaltadas, novos empreendimentos, envolvimento com o turismo, chegada de infraestrutura e novos moradores com melhores condições financeiras, na intenção de que movimentem a economia do bairro.

Conectar esses conflitos com as experiências através do corpo artista me trouxe indagações sobre os acontecimentos recentes no bairro, e o quão prejudicial pode ser para os modos de vida ainda sustentados. A principal motivação foi acreditar que prevalecia uma conotação bucólica e que as pessoas procuravam junto ao lugar desfrutar de experiências mais ricas no cotidiano. Mesmo com os conflitos vivenciados, a Garça apresenta, sim, um estilo único e uma interação diferenciada no convívio urbano. Conflituosas ou não, as relações sociais acontecem, as pessoas se conhecem e se conectam. O bairro oferece caminhos diversos para essa conexão acontecer, depende mais do quanto cada morador quer se envolver e participar das trocas, demandas e acontecimentos nos espaços.

Ainda assim, a Garça Torta é muito procurada por aqueles que querem fixar moradia, algumas são momentâneas, duram pouco tempo, outras se fixam mais

permanentemente. Porque mesmo contendo muitos conflitos e deficiências na infraestrutura, estar perto do mar e se afastar do caos urbano das grandes centralidades de Maceió, parecem ser motivos suficientes para encarar as dificuldades do bairro. O ar pitoresco, as ruas de barro, a vizinhança mesclada, entre pescadores e proprietários mais abastados, essa diversidade da Garça sugere que ainda há um lugar para aqueles quem se interessarem. Das casas singelas à grandes residências, do bar feito em estrutura de taipa à restaurantes sofisticados.

Apesar do bairro ter se modificado muito com o passar do tempo e de continuar em constante mudança – com as ações do mercado imobiliário e de iniciativas públicas e privadas dando vistas a uma nova gentrificação já em andamento –, muitos representam um estilo de vida simplório, que é representado não somente pelos modos de vida, mas também pelo patrimônio e memória viva do lugar.

A praia conta sua história, através dos pescadores, do curral, dos bares de famílias pesqueiras, das jangadas; as ruas de barro, os becos, com suas casas em estilos variados, e a predominância de um “estilo rústico” (das simples às mais sofisticadas) também dizem algo sobre o bairro. As relações de vizinhança, os discursos sobre como surgiu a Garça Torta, quem já passou por ela e a atração das pessoas pelo lugar. As memórias vivas através das pessoas que guardam um pedaço do que já foi um dia, e as mudanças enfrentadas. As crianças que brincam na praça, na praia mostram a discrepância das crianças que brincam apenas na área de lazer de seus condomínios. É por isso, a Garça mantém uma conotação bucólica, no entanto essa é uma peculiaridade que precisa de resistência da população para continuar.

Uma das intenções desta dissertação é manter viva a memória do que a Garça representa hoje, ainda, suas linhas de significados, e não deixar que sua história se perca no tempo, mas que se mantenha nas suas paredes, na virada das marés, nas mãos daqueles que abraçam o bairro, nas crianças que irão crescer e dizer que tiveram uma infância diferenciada.

Hoje, mais do que nunca, diante do cenário mundial atual, visto que todos os países do mundo enfrentam uma pandemia global, causada pelo COVID-19. Todas as relações espaciais, sociais, econômicas encontram-se em período de transição e, provavelmente, mudarão para algo que ainda não conseguimos dimensionar. Assim, a Garça Torta, como todos os lugares no mundo, poderá se deparar com novas

situações e modos de vida. A chegada da pandemia no Brasil vem acontecer já no período de encerramento da dissertação, não interferindo na pesquisa de campo, nem nos resultados finais. Por isso mesmo, esta dissertação passa por mais uma valoração inesperada, a de registrar o cotidiano de um bairro numa vivência pré-pandemia, podendo gerar uma avaliação posterior.

Desde o início, a combinação metodológica dos autores se mostrou eficiente e possibilitou um olhar perceptivo apurado às vivências, enriquecendo os relatos corpóreos. E possibilitou uma margem para novas discussões sobre o assunto, e novos experimentos. Um mundo sensível que se abre para uma leitura subjetiva da cidade revelada na arte dos corpos.

As páginas construídas com palavras e imagens revelam um pouco da essência das experiências. As ilustrações são suficientes? Não, elas são um avanço na leitura da imagem, se constituem a partir de uma soma dos elementos de registro de campo. Essa soma, sim, considero suficiente para o início de se pensar a cidade com olhos intuitivos, a fim de preservar e mostrar modos de vida da população e sua relação com o lugar.

Esse conjunto de dados imagéticos poderá revelar muito sobre o bairro daqui a uma década, um centenário, e pode ser uma contribuição significativa para o estudo do espaço urbano. Inclusive, e principalmente, para a contemporaneidade, para que se reflita sobre os espaços da cidade a partir do conceito de lugar, antes de incluir planejamentos e ações que não atendem de fato às especificidades de cada local.



## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O Que é o Contemporâneo?** E outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009.

\_\_\_\_\_. **O Uso dos Corpos.** São Paulo: Boitempo, 2017.

AGÊNCIA ALAGOAS, Governo do Estado de Alagoas. **Obras da duplicação da AL-101 Norte avançam entre Jacarecica e Garça Torta:** trecho tem 3,5 quilômetros de extensão e conta com a implantação de seis novas pontes. Disponível em < <http://www.agenciaalagoas.al.gov.br/noticia/item/31314-obras-da-duplicacao-da-al-101-norte-avancam-entre-jacarecica-e-garca-torta> > Acesso em 10 de dez. 2019.

ARNHEIM, Rudolf. **Arte e Percepção Visual:** uma psicologia da visão criadora. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

\_\_\_\_\_. **El Poder Del Centro:** estudio sobre la composición em las artes visuales, Madrid: Akal, 2011.

\_\_\_\_\_. **O Poder do Centro:** arte e comunicação. Lisboa: Edições 70, 2001.

AZEVEDO, Aina. Diário de Campo e Diário Gráfico: contribuições do desenho à antropologia. In: **Áltera – Revista de Antropologia**, João Pessoa, v. 2, n. 2, p. 100-119, jan 2016.

BERTHOZ, Alain. Physiologie du changement de point de vue. In: BERTHOZ, Alain; JORLAND, Gerard. **L'Empathie.** Paris: Editora Odile Jacob, 2004, p. 251-298.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano:** artes de fazer. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

ESTÉS, Clarissa P. **Mulheres que Correm com os Lobos:** mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. Rio de Janeiro: Roxo, 2018.

FRASER, Tom. **O Essencial da Cor no Design.** São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2012.

GREINER, Christine. **O Corpo:** pistas para estudos indisciplinados. São Paulo: Annablume, 2005.

\_\_\_\_\_. **O Corpo em Crise:** novas pistas e o curto-circuito das representações. São Paulo: Annablume, 2010.

JACOBS, Jane. **Morte e Vida de Grandes Cidades.** 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

LEITÃO, Lúcia; LACERDA, Norma. **O Espaço na Geografia, o Espaço da Arquitetura**: reflexões epistemológicas. In: Cadernos MetrÓpole, São Paulo, v. 18, n. 37, set/dez 2016. pp. 803-822. Disponível em < <http://dx.doi.org/10.1590/2236-9996.2016-3709>>

LYNCH, Kevin. **¿De qué tiempo es este lugar?** Para uma nueva definción del ambiente. In: Colección Arquitectura y Crítica. Barcelona: Gustavo Gili, 1975.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. **O Olho e o Espírito**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

MINAYO, Maria Cecília de S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: DESLANDES, Suely F.; CRUZ NETO, Otavio; MINAYO, Maria Cecília de S. (Org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 19ª.ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental, Transformações Contemporâneas do Desejo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

SENNET, Richard. **Carne e Pedra**: o corpo e a cidade na civilização ocidental. 4. ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2016.

\_\_\_\_\_. **Juntos**: os rituais, os prazeres e a política da cooperação. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

\_\_\_\_\_. **O Artífice**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

VOGEL, Arno; MELLO, Marco Antonio da Silva; MOLLICA, Orlando. **Quando a rua vira casa**: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro. Niterói: Eduff, 2017.

**APÊNDICE A – DIÁRIO GRÁFICO: CRIANÇAS GARÇA-TORTENSES**

**APÊNDICE B – DIÁRIO GRÁFICO: CHEGADA NA NOVA VIZINHANÇA / MIOLO  
DA GARÇA**



**APÊNDICE C – DIÁRIO GRÁFICO: PESCADOR IDOSO NA MARÉ MORTA**

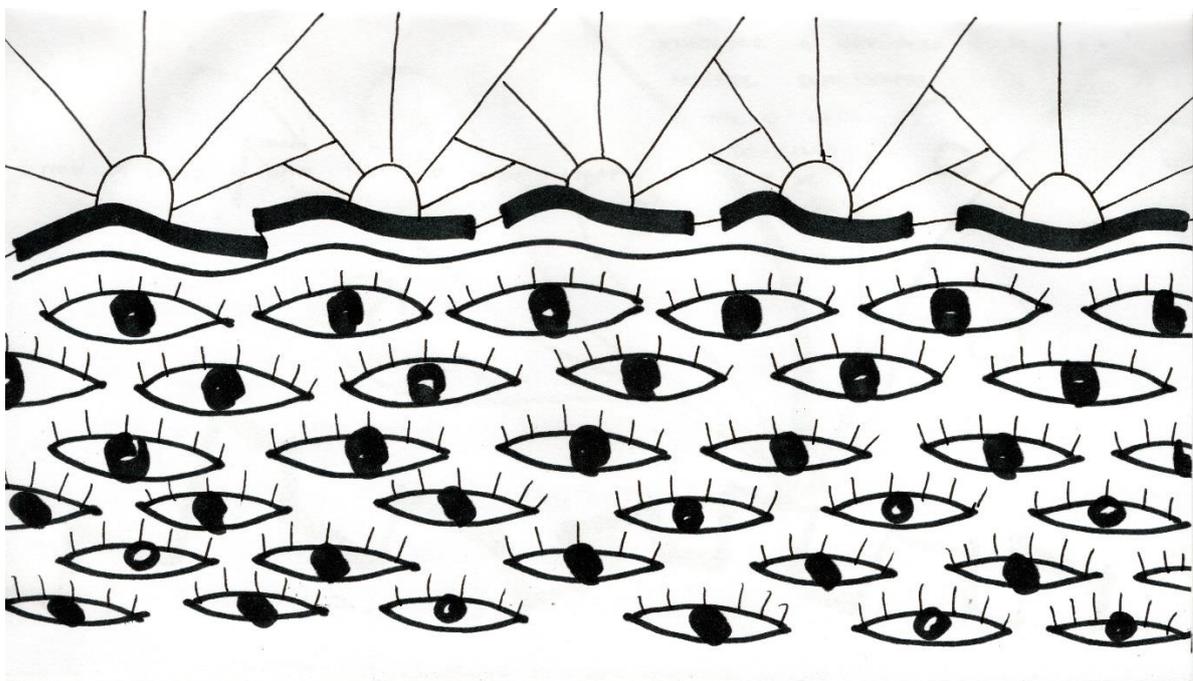
## APÊNDICE D – DIÁRIO GRÁFICO: LUA CHEIA



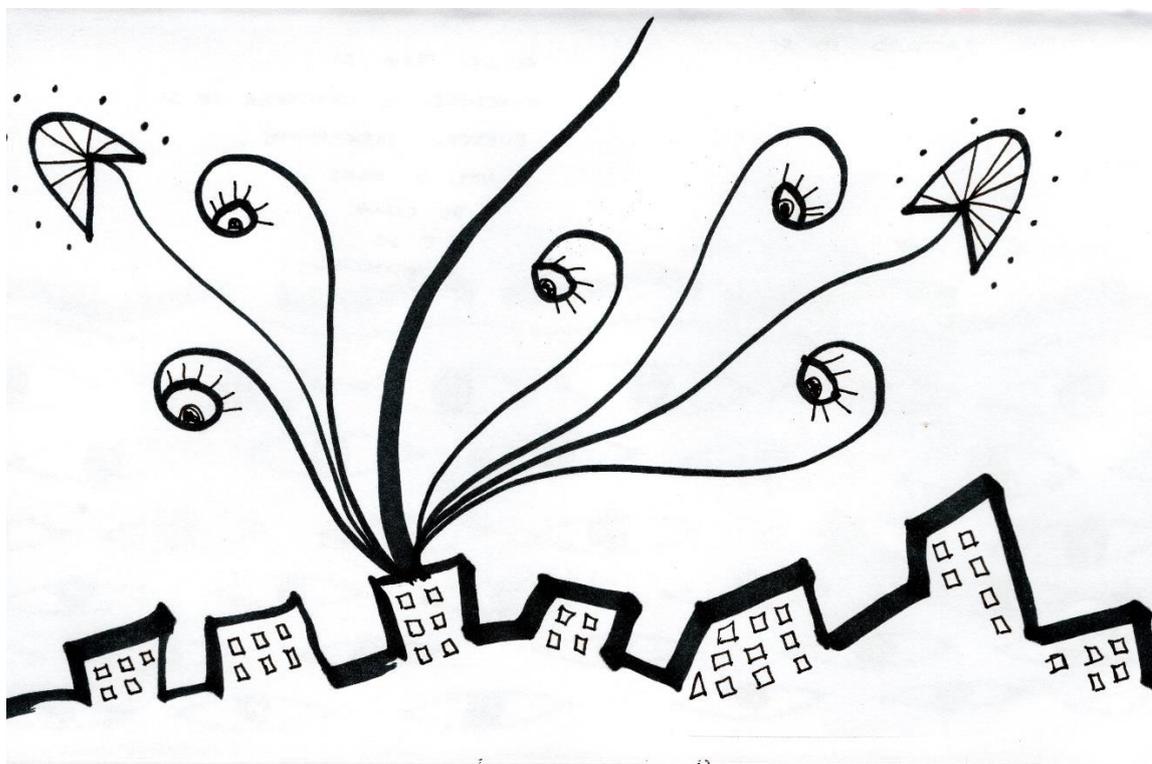
## APÊNDICE E – DIÁRIO GRÁFICO: CORPOS DE PRAIA, PESCADORES



## APÊNDICE F – DIÁRIO GRÁFICO: MAR DE OLHOS



## APÊNDICE G – DIÁRIO GRÁFICO: ESPECULAÇÃO IMOBILIÁRIA



**APÊNDICE H – DIÁRIO GRÁFICO: PARAÍSO PARA QUEM?**